



Personagens

CIMBELINO, Rei da Bretanha.

CLOTEN, filho da Rainha e do primeiro marido dela.

PÓSTUMO LEONATO, gentil-homem, marido de Imogênia.

BELÁRIO, um nobre banido, disfarçado sob o nome de Morgan.

GUIDÉRIO } filhos de Cimbelino, disfarçados
ARVIRAGO } sob os nomes de Polidoro e Cadval,
supostos filhos de Morgan.

FILÁRIO, amigo de Póstumo }
IACHIMO, amigo de Filário } italianos.

Um gentil-homem francês, amigo de Filário.

CAIO LÚCIO, general do exército romano.

Um capitão romano.

Dois capitães bretões.

PISÂNIO, criado de Póstumo.

CORNÉLIO, médico.

Dois nobres da corte de Cimbelino.

Dois gentis-homens da mesma corte.

Dois carcereiros.

A Rainha, esposa de Cimbelino.

IMOGÊNIA, filha de Cimbelino, do primeiro matrimônio.

HELENA, dama de companhia de Imogênia.

Nobres, damas de companhia, senadores romanos, tribunos, um gentil-homem holandês, um gentil-homem espanhol, um adivinho, músicos, oficiais, capitães, soldados, mensageiros e pessoas do séquito. Espectros.

Cena:

Ora na Bretanha, ora na Itália.

Ato I · Cena I

Bretanha. Jardim do Palácio de Cimbelino. Entram dois gentis-homens.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Todos aqui, parecem preocupados.

Não tanto o céu influi no sangue, como nos cortesãos o Rei.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·

E a causa disso?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Sua filha e herdeira única do reino, que ele queria dar em casamento ao filho da Rainha — de uma viúva com que mele se casara, não faz muito — preferiu desposar um gentil-homem pobre, mas muito digno. Seu marido foi banido; ela se acha enclausurada; todos aqui têm aparência triste.

Quanto ao monarca, penso que se encontra fundamentalmente abalado.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·

O Rei somente?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Também o que a perdeu; ainda há a Rainha, que desejava muito esse consórcio.

Mas não há cortesão — conquanto todos pelo olhar do monarca o gesto pautem — que não esteja no íntimo contente com o que parecem lastimar por fora.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Por quê?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Quem não ficou com a princesa é uma criatura por demais perversa para ter esse nome, e quem a obteve — quero dizer: quem se casou com ela... Pobre rapaz! Coitado! Está banido! — é um ser tão bem formado, que se em todos os cantos do universo procurássemos alguém como ele, faltaria sempre algo nessa pessoa porque fosse perfeito o paralelo. Estou convicto de que não pode haver outra criatura de um exterior tão belo e, ao mesmo tempo, ornado de tão belas qualidades.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Que elogio!

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

No entanto, ainda não chego, senhor, a dizer tudo. Muito longe de lhe desenrolar todos os méritos, comprimo-o no interior de seus limites.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·

Como se chama? Qual a sua origem?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Cavar até a raiz não me é possível. Sicílio foi seu pai, tendo lutado junto a Cassibelano, contra Roma. Seus títulos, porém, de maior vulto, lhe vieram de Tenâncio, a quem serviços admiráveis prestou com glória excelsa. Daí lhe veio a alcunha de Leonato. Outros dois filhos teve além do nobre a que nos referimos, que nas guerras daqueles tempos pereceram como bravos, de espada em mão, razão bastante para que o pai, então entrado em anos e ansioso por deixar um descendente, se acabrunhasse e a perecer viesse. Sua gentil esposa, que esperava lhe nascesse nessa época o fidalgo sobre que discorremos, no momento de o dar à luz, perdeu, também, a vida. Ficou o Rei com a criança, o nome deu-lhe de Póstumo Leonato, como pajem o criou do seu serviço, sobre ter-lhe ministrado instrução de quanto lhe era possível aprender em sua idade. Tudo ele assimilava sem trabalho, como com o ar fazemos. A colheita seguiu-se à primavera. Viveu Póstumo na corte — coisa rara — sempre amado por todos e elogiado, exemplo excelso para os moços, espelho em que os mais velhos folgavam de se ver e, para os homens de entendimento grave, uma criança que os velhos conduzia. O próprio mérito de sua esposa — por quem ele se acha banido ora do reino — diz bem alto da conta em que ela o tinha. O simples fato

de o ter ela escolhido, diz que espécie de cavalheiro ele era.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Já o venero só pelo que dizeis a seu respeito.

Mas só tem essa filha o soberano?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Sim, somente essa; isto é, teve dois filhos — se achardes interesse na notícia, prestai toda a atenção. — O mais velhinho, com três anos, em cueiros ainda o outro, foram da ama roubados, não sabendo ninguém, até o presente, do destino que pudessem ter tido.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Há quanto tempo se passou isso?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · Cerca de vinte anos.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·

Serem raptados desse jeito os filhos do próprio Rei! Vigiados se encontravam com tanta negligência! Tão morosas têm sido as buscas que ninguém consegue encontrar rasto algum!

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · Por mais estranha que vos pareça a história, e até ridícula tamanha negligência, quanto eu disse, senhor, é verdadeiro.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Não o duvido.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Bem, paremos aqui, pois vêm chegando o fidalgo, a Rainha e sua enteada.

(Entram a Rainha, Póstumo e Imogênia.)

RAINHA · Não, minha filha; podeis ter certeza de que em mim não vereis uma madrasta carrancuda, tal como as pinta a fama.

É certo que sois minha prisioneira, mas vosso carcereiro vos entrega as chaves da prisão. Quanto a vós, Póstumo, procurarei a causa defender-vos

logo que o Rei se mostre mais tranqüilo.

Da cólera inda o fogo o está abrasando;

bom seria a sentença lhe acatásseis

com a resignação que toda a vossa

prudência vos ditar.

PÓSTUMO · Pois não, alteza;

partirei hoje mesmo.

RAINHA · Conheceis

o perigo. Vou dar pequena volta

pelo jardim, a lastimar as dores do amor contrariado, muito embora proibisse o Rei que a conversar viésseis.

(Sai.)

IMOGÊNIA · Oh bondade fingida! Como sabe soprar essa tirana nas feridas que ela mesma produz! Querido esposo, por vezes temo a cólera paterna; mas nada temo — sem lesar os sacros deveres de uma filha — do que possa causar-me seu furor. Estareis longe e eu terei de tornar-me o alvo constante de olhares carrancudos, tendo apenas o consolo da idéia de que o mundo me preserva uma jóia e de que um dia alcançarei a dita de possuí-la.

PÓSTUMO · Oh minha soberana, esposa, amada!

Não choreis mais; não quero dar motivo por que suspeitem de que sou dotado de sensibilidade imprópria de homem. Vou ser o esposo mais fiel de quantos juraram ser constantes. Moro em Roma, em casa de um Filário, velho amigo de meu pai, que conheço só de cartas. Escrevei para lá, minha Rainha, que hei de beber com os olhos as palavras de quanto me mandardes, muito embora seja de fel a tinta.

(Volta a Rainha.)

RAINHA · Despachai-vos, por favor, que se o Rei vos surpreendesse, não sei até onde eu a incorrer viera no seu real desgosto. *(À parte.)* Mas eu própria vou fazer que a encontrá-los ele venha. Desgostos que de mim ele recebe, paga-os com benefícios. Muito caro lhe ficam tais desgostos.

(Sai.)

PÓSTUMO · Se gastássemos na despedida toda nossa vida, a dor só aumentaria. Assim, adeus.

IMOGÊNIA · Esperai mais um pouco.

Se agora cavalgásseis, simplesmente para dar um passeio, muito curta a despedida, ainda assim, seria.

Olhai aqui, amor: este diamante era de minha mãe; ficai com ele,

meu coração, até que outra consorte venhais a possuir, quando Imogênia já morta se encontrar.

PÓSTUMO · Como! Como! Outra? Deuses bons, conservai esta, que é minha. e, com os liames da morte, irresistíveis, impedi que de uma outra eu me aproxime.

(Colocando o anel no dedo.)

Ficará neste dedo, enquanto nele houver calor e vida. Oh doce amiga! Do mesmo modo que eu troquei a minha pessoa, em tudo pobre, pela vossa, dando-vos um prejuízo incalculável, também agora ensejo se me antolha de ganhar na barganha. Usareis isto como algemas do amor, lembrança minha, que ponho na mais linda prisioneira.

(Coloca-lhe no braço uma pulseira.)

IMOGENIA ·

Oh deuses! Quando, quando nos veremos?

(Entram Cimbélino e nobres.)

PÓSTUMO · Oh dor! O Rei!

CIMBELINO · Ser desprezível, fora!

Fora de minha vista! Se ficares por mais tempo na corte, a molestá-la com tua indignidade, morres! Fora, que o sangue me envenenas!

PÓSTUMO · Que os deuses vos protejam e abençoem quantos homens de bem houver na corte.

Já me retiro.

(Sai.)

IMOGENIA · A morte não possui dor mais pungente do que a deste instante.

CIMBELINO · Coisa ingrata e desleal, tu me devias dar outra mocidade, e, ao invés disso, me envelheces de muito.

IMOGENIA · Eu vos imploro que não vos molesteis, senhor. Vossa ira insensível me torna, que um mais nobre sofrimento o receio e a dor apaga.

CIMBELINO · Também apaga o amor, a obediência?

IMOGENIA · Deixa-me sem vislumbre de esperança; por isso, sem amor.

CIMBELINO · Tu bem podias ter casado com o filho da Rainha.

IMOGENIA · Foi sorte não o ter feito! Por uma água-pus de lado um gavião.

CIMBELINO · Escolheste um mendigo; por teu gosto terias transformado meu real trono em sede de vileza.

IMOGENIA · Não; ter-lhe-ia dado lustre maior.

CIMBELINO · Oh vil criatura!

IMOGENIA · Senhor, vós, tão-somente, sois culpado de eu ter amado a Póstumo. Fizestes dele meu companheiro de brinquedos; digno ele é de esposar seja quem for; pagou de sobra quanto eu valer possa.

CIMBELINO · Como! Perdeste o juízo?

IMOGENIA · Quase, quase; possa amparar-me o céu! De um boiadeiro fosse eu nascida e filho o meu Leonato de um honesto pastor da vizinhança!

CIMBELINO · Louca!

(Torna a entrar a Rainha.)

Estiveram juntos novamente!

Não cumpristes as ordens que eu vos dera.

Levai-a daqui logo e encarcerai-a.

RAINHA · Paciência, por obséquio! Paz! Querida jovem e filha, paz! Meu soberano, deixai-nos sós e procurai consolo na própria reflexão.

CIMBELINO · Que a perder venha uma gota de sangue cada dia e, velha, morra por ter sido louca.

(Saem Cimbélino e os nobres.)

RAINHA · Ora! Convém ceder.

(Entra Pisânio.)

Eis vosso criado.

Então, senhor, que novidades há?

PISÂNIO · Vosso filho sacou da espada, contra meu amo.

RAINHA · Que dissestes! Mas não houve desgraça a lastimar?

PISÂNIO · Por pouco havia, se não houvesse em jogo transformado meu amo aquele ataque e não ficasse sem o auxílio da cólera. Apartaram-nos uns gentis-homens que se achavam perto.

RAINHA · Isso me alegra muito.

IMOGENIA · Vosso filho é amigo de meu pai; sua causa esposa: atacar um banido! É ser valente!

Quisera vê-los frente a frente na África, e eu com uma agulha, para enfiar nas costas

do primeiro a fugir! Por que motivo deixastes o vosso amo?

PISÂNIO · Por ter ele ordenado isso mesmo. Dispensou-me de ir com ele até o posto e, à despedida, me entregou esta lista dos serviços que vos devo prestar, se me quiserdes distinguir, ocupando-me.

RAINHA · Até agora este homem vos serviu com lealdade;

ia jurar pela minha honra em como sempre leal vos será.

PISÂNIO · Humildemente vos agradeço, alteza.

RAINHA · Por obséquio, vamos dar uma volta.

IMOGENIA (*a Pisânio*) · Mais ou menos dentro de meia hora será grande favor me procureis. É necessário que vades ver o meu senhor a bordo. Por enquanto deixai-me, por obséquio.

(*Saem.*)

Ato I · Cena II

*O mesmo. Uma praça pública.
Entram Cloten e dois nobres.*

PRIMEIRO NOBRE · Senhor, eu vos aconselharia a trocar a camisa; o calor dos movimentos vos faz fumar como um sacrifício. Onde o ar penetra, daí também ele sai, não havendo aí por fora ar mais salubre do que o que aspirais.

CLOTEN · Só vestiria outra camisa, se esta estivesse manchada de sangue. Cheguei a feri-lo?

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Não, por minha fé: nem mesmo a sua paciência.

PRIMEIRO NOBRE · Ferido, ele? Se não estiver ferido, é que tem o corpo tão transpassável como uma carcaça. Só não estará ferido, se o aço puder atravessar-lhe impunemente o corpo.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · É que a espada dele estava cheia de dívidas e fugiu para o outro lado da cidade.

CLOTEN · O vilão não me ofereceu resistência.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · É certo: fugia sempre para a frente, na direção do vosso rosto.

PRIMEIRO NOBRE · Oferece-vos resistência! Durante toda a luta dispusestes de terreno, que ele não cessava de aumentar, cedendo-vos o passo.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Sim, de tantas polegadas quantos oceanos possuídes. Idiota!

CLOTEN · Desejara que não nos tivessem separado. **SEGUNDO NOBRE** (*à parte*) · Eu também, para que pudésseis ter medido no chão o comprimento de um tolo.

CLOTEN · E pensar que ela tenha amor a um sujeito desses, e me despreze!

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Se for pecado escolher com acerto, ela está condenada.

PRIMEIRO NOBRE · Príncipe, como já vos disse por várias vezes, o cérebro dela não acerta o passo com a sua beleza; o escudo é bonito, de fato; mas do espírito tenho visto muito pouco reflexo.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Ela não projeta luz sobre os tolos, de medo de ser magoada pelo reflexo.

CLOTEN · Vamos; vou para o quarto. Desejara que houvesse acontecido alguma desgraça.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Pois eu não penso assim, a menos que se tratasse da queda de um asno, o que, em si, não constitui grande infelicidade.

CLOTEN · Vireis conosco?

PRIMEIRO NOBRE · Depois irei juntar-me a Vossa Senhoria.

CLOTEN · Não; vamos logo.

SEGUNDO NOBRE · Perfeitamente, milorde.

(*Saem.*)

Ato I • Cena III

Um quarto no palácio de Címbelino.

Entram Imogênia e Pisânio.

IMOGÊNIA • Quisera que no porto tu estivesse e interrogasses todos os navios.

Se ele chegasse a me escrever e a carta não me viesse às mãos, fora essa perda para mim tão fatal como o extravio de uma carta de graça. Qual foi a última palavra a te dizer?

PISÂNIO • Minha Rainha!

Minha Rainha!

IMOGÊNIA • E sacudiu o lenço?

PISÂNIO • Sim, princesa, e o beijou.

IMOGÊNIA • Linho insensível, és mais feliz do que eu. E isso foi tudo?

PISÂNIO • Não, princesa; enquanto ele percebeu que pela vista ou pelo ouvido me era possível distingui-lo de entre os outros, permaneceu em meio ao tombadilho, a agitar o chapéu, a luva, o lenço, tal como as convulsões e os motins da alma melhor expressar podem quão moroso seguia o coração e como rápido se afastava o navio.

IMOGÊNIA • Deverias ter olhado para ele até tornar-se do tamanho de um corvo, ou menos, ainda.

PISÂNIO • Foi o que eu fiz, princesa.

IMOGÊNIA • Eu teria forçado tanto os olhos, chegando a arrebentar-lhes até os nervos, só para vê-lo até que o reduzisse a distância ao tamanho de uma agulha...

Não; com a vista o seguira até que houvesse sumido, do tamanho de um mosquito que no ar desaparece, e, após, os olhos baixaria e chorara amargamente.

Mas, bondoso Pisânio, quando havemos de ter notícias dele?

PISÂNIO • Logo que haja tal oportunidade. Ficai calma.

IMOGÊNIA • Não me despedi dele; no entretanto, tinha um mundo de coisas a contar-lhe.

Antes de lhe ter dito como havia de pensar nele, em horas combinadas, desta e desta maneira, ou de fazê-lo jurar que as italianas não haviam de embaixar sua fé, nem meus direitos; antes de dito haver que diariamente às seis horas, à tarde e à meia-noite, unisse suas orações às minhas, porque no céu, então, eu estaria a suplicar por ele, e antes de haver-lhe dado o beijo final de despedida, entre duas palavras encantadas, entrou meu pai, que, como o frio sopro tirânico do norte, antes do tempo nossos botões em flor jogou por terra.

(Entra uma dama de honra.)

DAMA DE HONRA • A Rainha deseja a companhia de Vossa Alteza.

IMOGÊNIA • Faze o que eu te disse; a Rainha me chama.

PISÂNIO • Sim, senhora.

(Saem.)

Ato I • Cena IV

Roma. Um quarto em casa de Filário.

Entram Filário, Iachimo, um francês, um holandês e um espanhol.

IACHIMO • Podeis crer-me, senhor; eu o vi na Bretanha; sua reputação se encontrava na fase de crescimento, sendo geral a expectativa de

que ele viria a revelar o merecimento que lhe granjeou logo depois o nome que chegou a ter. Mas nessa época eu o poderia ter contemplado sem o auxílio da admiração, ainda que o catálogo de seus dotes houvesse sido posto ao seu lado e eu tivesse percorrido todos os seus itens.

FILÁRIO · Falais de uma época em que ele se encontrava menos adornado do que agora com os dotes espirituais e exteriores que o caracterizam.

O FRANCÊS · Eu o vi em França, onde há muita gente capaz de fitar firme o sol, como ele o faz.

IACHIMO · O fato de haver desposado a filha do seu soberano — o que nos leva a avaliá-lo menos pelos merecimentos próprios do que pelos da esposa — contribui, sem dúvida, para lhe exagerar a fama.

O FRANCÊS · E depois, o seu desterro...

IACHIMO · Sim, os aplausos dos servidores da esposa, que lastimam esse lamentável divórcio, muito contribuem, também, para semelhante exagero, quando mais não seja, para justificar a escolha feita, muito fácil, aliás, de ser anulada, uma vez que se trata de um casamento com um mendigo desclassificado. Mas qual é a razão de vir ele morar convosco? Como nasceu semelhante conhecimento?

FILÁRIO · Eu e o pai dele servimos juntos no exército, sendo que ao pai dele devo nada menos do que a própria vida. Mas eis que chega o bretão; recebi-o como convém a cavalheiros finamente educados, em se tratando de um estrangeiro do seu merecimento.

(Entra Póstumo.)

Concito-vos a travardes conhecimento com este cavalheiro, que vos apresento como um dos meus mais dignos amigos. Mas em vez de obrigá-lo a ouvir-me enumerar-lhe os méritos, prefiro deixar que o tempo vo-los patenteie.

O FRANCÊS · Já nos conhecemos, senhor, de Orleans.

PÓSTUMO · Desde aquela ocasião me tornei devedor de vossas gentilezas, dívida que jamais poderei saldar, por muito que me esforce.

O FRANCÊS · Exagerais o valor do pequeno serviço que vos prestei; foi-me sumamente grato poder reconciliar-vos com o meu compatriota. Seria de lastimar que levásseis a cabo o propósito de um duelo de morte por um assunto de natureza e de importância tão somenos.

PÓSTUMO · Perdoai-me, senhor; naquele tempo eu não passava de um moço viajante, muito mais receoso de adotar a opinião corrente do que de me deixar guiar em qualquer conjuntura pela experiência dos outros. Mas de acordo agora com o meu juízo amadurecido — se não houver jactância

em lhe dar semelhante qualificativo — quero crer que a disputa de então não era assim tão sem importância como dizeis.

O FRANCÊS · Oh, sem dúvida! Sem importância suficiente para ser decidida pela espada, máxime em se tratando de duas pessoas que, com toda a probabilidade, só dariam a refrega por terminada com o sacrifício de um dos adversários, se não de ambos.

IACHIMO · Se não for indiscrição, poderei perguntar qual era o assunto da pendência?

O FRANCÊS · Sem dúvida, suponho; a discussão foi pública, e pode agora ser contada sem receio de contestação. O assunto era muito igual ao tema de nossa conversação de ontem à noite, quando cada um de nós fez o elogio das mulheres de seus respectivos países. Naquela ocasião este senhor afirmava — dispondo-se, até, a confirmar com o sangue sua proposição — que a sua amada era a mais bela, mais virtuosa, mais sábia, constante, casta e menos fácil de conquistar do que as mais raras damas da França.

IACHIMO · Ou essa senhora já não vive, ou este cavalheiro já mudou de opinião.

PÓSTUMO · Ela ainda conserva a sua virtude e eu o meu modo de pensar.

IACHIMO · Não deveríeis colocá-la tão acima das damas italianas.

PÓSTUMO · Se eu me visse provocado agora como o fui na França, não retiraria nada do que então afirmei a respeito dela, conquanto me declare seu adorador, não simples enamorado.

IACHIMO · Ser assim tão bela e boa — comparação bem combinada — fora belo e bom demais para qualquer dama bretã. Se ela ultrapassa as mulheres do meu conhecimento como o diamante que trazeis ultrapassa quanto eu tenho visto, não poria eu em dúvida a sua superioridade. Mas eu ainda não vi o diamante mais precioso, nem vós a mais preciosa das mulheres.

PÓSTUMO · Eu a elogiei pelo que a avalio, tal como o faço com a minha pedra.

IACHIMO · Em quanto avaliais vossa pedra?

PÓSTUMO · Acima de tudo o que há de raro no mundo.

IACHIMO · Ou a vossa incomparável amada já se acha morta, ou se vê avaliada em pouco menos de uma ninharia.

PÓSTUMO · Estais enganado; uma poderia ser vendida ou dada de presente, no caso de haver fortuna que bastasse para a sua compra, ou méritos suficientes para serem recompensados por ela; a outra é objeto de negócio, é uma dádiva dos deuses.

IACHIMO · Dádiva concedida pelos deuses?

PÓSTUMO · E que com a ajuda deles continuará a ser minha.

IACHIMO · De nome, podereis continuar como dono dela; mas, como bem o sabeis, sobre a lagoa do vizinho também voam pássaros. Desse modo, do vosso par de jóias inestimáveis, uma é frágil e a outra sujeita a várias vicissitudes; um ladrão hábil ou um cortesão de traquejo nessa matéria poderia empreender a conquista de ambas.

PÓSTUMO · Vossa Itália não possui cortesão tão perfeito que consiga conquistar a honra de minha amada, se foi a isso que vos referistes, quando a chamastes de frágil. Por outro lado, não ponho em dúvida que dispondes de enorme provisão de larápios; não obstante, nada receio pela sorte do meu anel.

FILÁRIO · Fiquemos por aqui, cavalheiros.

PÓSTUMO · Com todo o gosto, senhor. Este digno cavalheiro — do que lhe sou muito agradecido — não me trata como a estrangeiro; logo de início nos tornamos íntimos.

IACHIMO · Com oportunidade de conversar cinco vezes como agora, eu ganharia terreno junto de vossa amada, obrigando-a a recuar e até mesmo a se entregar. Seria questão, apenas, de obter acesso junto dela, para poder fazer-lhe a corte.

PÓSTUMO · Não! Não!

IACHIMO · Aposto a metade dos meus bens contra vosso anel, o que, pelos meus cálculos, ainda vos dá alguma vantagem. Semelhante desafio é lançado com vistas à vossa confiança, não apenas à reputação de vossa amada. Para afastarmos qualquer idéia de ofensa, atrevo-me a fazer semelhante experiência com qualquer mulher indistintamente.

PÓSTUMO · Estais muito enganado com tão presunçosa afirmativa, não tendo eu nenhuma dúvida de que, se chegardes a intentar o propósito, alcançareis o de que sois digno.

IACHIMO · E vem a ser?...

PÓSTUMO · Uma repulsa, ainda que vossa experiência — que assim a denominais — mereça mais do que isso, a saber: um castigo.

FILÁRIO · Senhores, é quanto basta! O assunto está se tornando perigoso; deixemo-lo morrer como nasceu. Tratai, por obséquio, de vos reconhecerdes mais de perto.

IACHIMO · Desejara ter oferecido todos os meus bens, acrescidos dos do meu vizinho, como penhor da minha proposição.

PÓSTUMO · E que dama escolheríeis para vosso assalto?

IACHIMO · A vossa, em cuja fidelidade tanto confiais. Aposto dez mil ducados contra vosso anel, que, se me recomendardes à corte em que se encontra vossa amada, sem outras vantagens além da oportunidade de uma segunda conversa com ela em particular, conseguirei trazer de lá a sua honra que imaginais tão bem guardada.

PÓSTUMO · Contra vosso ouro apostarei também ouro; meu anel me é tão caro quanto o próprio dedo; faz parte integrante dele.

IACHIMO · Revelais medo, o que é sinal de prudência. Se chegásseis a comprar carne de mulher à razão de um milhão a dracma, não poderíeis evitar que chegasse a apodrecer. Mas vejo que tendes escrúpulo, pois demonstrais receio.

PÓSTUMO · Tendes a língua habituada a esses gracejos; mas estou convencido de que vosso propósito é mais honroso do que vossas palavras.

IACHIMO · Eu sou sempre senhor dos meus discursos e estou disposto a empreender quanto afirmei; juro-o.

PÓSTUMO · Estais, então, resolvido? Tudo, afinal, se resume apenas em emprestar eu o meu anel até o vosso retorno. Redijamos os termos da aposta; maior é a virtude de minha amada do que a imensidade do vosso pensamento vil.

FILÁRIO · Semelhante aposta não deveria ser levada avante.

IACHIMO · Pelos deuses, está valendo! Se eu não vos trazer prova cabal de haver possuído a mais preciosa parte do corpo de vossa amada, ficareis com os meus dez mil ducados e com vosso diamante. Se eu for repellido e a deixar com a honra em que revelais tamanha confiança, continuará sendo vossa aquela jóia amada, vosso anel e todo o meu ouro, só dependendo tudo da condição imposta, de que eu leve apresentação de vossa parte, a fim de conseguir livre acesso junto dela.

PÓSTUMO · Aceito as condições; vamos redigir os termos da aposta. Responderéis apenas pelo seguinte: no caso de dirigirdes contra ela vosso ataque e de me apresentardes provas eloqüentes de que saístes vitorioso, não ficaremos inimigos, por não ser ela digna de que venhamos a brigar. Mas se ela não se deixar seduzir — não podendo vós dar prova do contrário — pelo ruim conceito que dela fizestes e pelo assalto a que sujeitastes a sua castidade, tereis de me dar satisfações de espada em punho.

IACHIMO · Feito! Dai-me a mão. Mandemos redigir legalmente o contrato: depois, sem mais perda de tempo, rumarei para a Bretanha antes que o nosso ajuste se esfrie e venha a perecer de inanição. Vou buscar o meu ouro, para pormos os penhores sob custódia.

PÓSTUMO · Combinado.

(Saem Póstumo e Iachimo.)

O FRANCÊS · Acreditais que levem o intento avante?

FILÁRIO · O senhor Iachimo não desistirá da aposta. Vamos ter com eles.

(Saem.)

Ato I · Cena V

Bretanha. Um quarto no palácio de Címbelino.

Entram a Rainha, damas de honra e Cornélio.

RAINHA · Enquanto houver orvalho, apanhai flores. Quem tomou nota delas?

PRIMEIRA DAMA DE HONRA · Eu, senhora.

RAINHA · Não percais tempo.

(Saem as damas de honra.)

Então, mestre doutor, trouxeste as drogas encomendadas?

CORNÉLIO · Sim, tal como Vossa

Grandeza mo ordenara. Ei-las, senhora.

(Entrega-lhe uma pequena caixa.)

Mas, sem ofensa alguma, a Vossa Graça me atrevo a perguntar — levado nisso pela própria consciência — qual a causa de me haverdes pedido essa mistura tão nociva, de efeito, ainda que lento, certamente mortal?

RAINHA · Muito me admira, doutor, que me interrogues desse jeito.

Não fui por tanto tempo tua aluna?

Não me ensinaste a preparar perfumes, a os destilar e conservar, a ponto

de que o nosso grandioso soberano com freqüência pedidos me tem feito desses meus preparados? Não é justo, portanto — se diabólica não me achas — que, após tantos progressos, eu procure tornar mais amplo o meu saber, por meio de novas experiências? Tenho idéias de ensaiar o poder de teus compostos

em criaturas que dignas não julgamos té mesmo de enforçar — não, porém, homens — para estudar-lhes o vigor e opor-lhes remédios eficazes, e, desta arte, me tornar sabedora de seus vários efeitos e virtudes.

CORNÉLIO · Vossa Alteza com isso o coração vai deixar duro, além de ser a vista desses quadros a um tempo repulsiva e perigosa.

RAINHA · Oh, não tenhas receio!

(Entra Pisânio.)

(À parte.) Eis que nos chega

um biltre adulador. Vou fazer nele minha primeira prova. Sempre teve ojeriza a meu filho, por ser todo do lado do patrão. *(Alto.)* Então, Pisânio!

Já não tenho, doutor, necessidade de teus serviços; podes ir embora.

CORNÉLIO *(à parte)* ·

Rainha, tenho minhas desconfianças, mas mal algum fareis.

RAINHA *(a Pisânio)* · Uma palavra.

CORNÉLIO *(à parte)* ·

Não gosto da Rainha: ela está certa de ter em mãos uma mistura estranha, de ação caquetizante. Não me iludem suas disposições. Jamais à sua ruindade eu confiaria uma substância de efeito tão diabólico. Os compostos que lhe dei os sentidos entorpecem por algum tempo, apenas. Certamente

ela há de começar por cães e gatos,
para escolher depois seres mais nobres.
Mas é aparente, tão-somente, a morte
que eles provocam: por um tempo o espírito
fica embotado, para, mais viçoso,
despertar em seguida. Desse modo,
burlada ela é por mim, fiel tornando-me
por ser falso com ela.

RAINHA · Não preciso,
doutor, de teus serviços, té que mande
de novo te chamar.

CORNÉLIO · Humildemente
vos apresento minhas despedidas.

(*Sai.*)

RAINHA · Sempre a chorar, disseste? Julgas, mesmo,
que, com o tempo, ela esfrie, permitindo
que entre a razão onde a loucura impera?
Esforça-te; ao trazes-me a notícia
de que para meu filho ela se inclina,
no mesmo instante ficarás, te afianço,
tão grande como o teu senhor, ou, antes:
muito maior, porque sua ventura
já sem fala se encontra, e sua dita
nos últimos alentos. Para a pátria
não poderá voltar, como não pode
continuar onde está. Mudar de vida,
é trocar de miséria, e cada dia
que chega, chega apenas para a estafa
de um dia lhe arruinar. Que esperar podes,
sendo assim, de uma coisa em decadência,
que não será reconstruída nunca,
por carecer de amigos que a sustentem?

(*A Rainha deixa cair a caixa; Pisânio a
levanta do chão.*)

Não sabes o valor do que apanhaste.
Guarda-a, pelo trabalho; é uma mistura
preparada por mim, que cinco vezes

a vida já salvou do soberano.
Não conheço cordial mais eficiente.
Fica com ele, por obséquio; é apenas
um penhor de algo muito mais valioso
que te reservo. Contra a tua senhora
a sua verdadeira situação,
mas como se tu próprio a aconselhasses.
Reflete na mudança que te espera:
não perdes a senhora, e, ainda por cima,
ganhas meu filho, que tomará nota
de quanto lhe fizeres, sem falarmos
que influirei no monarca para cargos
importantes te dar, como os desejos.
E eu, que te fiz tomar esse caminho,
obrigada me sinto mais que todos
a te recompensar condignamente.
Chama as damas; reflete no que eu disse.

(*Sai Pisânio.*)

É um velhaco astucioso e inabalável,
agente de seu amo e conselheiro
junto a Imogênia, para conservá-la
mais atada ao marido. Mas um mimo
lhe dei que, se ele o usar, há de deixá-la
sem mensageiro para o seu querido.
E a ela também, mais para diante, caso
outros modos não tome, hei de ter meios
de lhe dar a provar a medicina.

(*Volta Pisânio com as damas de honra.*)

Muito bem; muito bem. As primaveras,
as violetas e as prímulas, levai-as
para o meu quarto. Passa bem, Pisânio;
reflete no que eu disse.

(*Sai a Rainha com as damas de honra.*)

PISÂNIO · É o que farei;
mas se ao bom amo eu vier a dar desgosto,
matar-me saberei; estou disposto.

(*Sai.*)

Ato I · Cena VI

*O mesmo. Outro quarto do palácio.
Entra Imogênia.*

IMOGÊNIA · Um pai cruel, uma madrasta falsa,
um pretendente idiota de uma dama

cujo esposo exilaram. Oh! Que marido!
A coroa da minha desventura.
E os vexames contínuos! Ah! tivesse
sido com meus irmãos também raptada!
Quão infeliz é o ser que aspira à glória!

Bendito é quem, embora humilde, pode ter desejos honestos e consegue tranqüilo realizá-los. Oh! Mais gente!

(*Entram Pisânio e Iachimo.*)

PISÂNIO · Senhora, acaba de chegar de Roma um nobre gentil-homem com notícias de meu senhor.

IACHIMO · Mudais de cor, princesa? Não há razão para isso. O muito digno Leonato ficou bem e vos envia cumprimentos cordiais.

IMOGENIA · Muito obrigada vos fico, bom senhor. Sois mui bem-vindo.

IACHIMO (*à parte*) · Quão rico é quanto dela se percebe! Se o espírito tiver do mesmo jeito, é simplesmente o pássaro da Arábia, tendo eu perdido a aposta. Audácia, ajuda-me! Arma-me da cabeça aos pés, coragem! Se não, terei de ganhar nisso o exemplo do parto: combater na retirada. ou melhor: fugir logo.

IMOGENIA · “É um indivíduo de caráter nobilíssimo, de cuja amizade me tornei cativo. Recebei-o, pois, conforme a maneira por que avaliais o vosso fiel Leonato.”

Em voz alta, isto só; mas o imo peito comovido se mostra pelo resto e, agradecido, o aceita. Sois bem-vindo, muito digno senhor, quanto em palavras vos posso declarar, e tal como heis de verificar em todos os meus atos.

IACHIMO · Obrigado, lindíssima senhora. Como! Serão os homens loucos? Deu-lhes olhos a natureza porque a abóbada contemplassem do céu e a rica messe dos mares e da terra, olhos que sabem distinguir os altivos luminares desta amplidão e os seixos lucilantes que nas praias abundam... É com órgãos tão preciosos difícil nos parece distinguir entre o belo e o defeituoso?

IMOGENIA · Que vos causa tão grande admiração?

IACHIMO · Não pode ser dos olhos, que até monos e macacos, se perto se encontrassem de duas companheiras tão diversas, estralariam para uma os dentes e com caretas a outra repeliram...

Do juízo, também não, porque até idiotas num concurso como este saberiam decidir-se com senso... Do apetite também não pode ser, que uma imundície contraposta a beleza tão asseada faria vomitar o próprio estômago que nada contivesse, não deixando satisfazer a fome.

IMOGENIA · Que acontece?

IACHIMO · O desejo saciado, essa vontade sempre farta e desperta — qual barrica vazia, a um tempo, e cheia — devorara primeiro o cordeirinho, para gozo depois achar nas vísceras.

IMOGENIA · Meu caro senhor, que vos abala? Estais doente?

IACHIMO · Graças, senhora, mas não sinto nada. (*A Pisânio.*) Por obséquio, senhor, digei ao meu criado que não saia de onde o deixei; além de muito tímido, ele é estrangeiro aqui.

PISÂNIO · Vou já saudá-lo como convém, senhor.

(*Sai.*)

IMOGENIA · De saúde vai bem o meu marido?

IACHIMO · Senhora, otimamente.

IMOGENIA · E quanto ao gênio, inclinado à alegria, como o espero?

IACHIMO · Extremamente alegre; forasteiro nenhum é mais disposto, nem revela tanta jovialidade. Tem a alcunha de “Bretão galhofeiro”.

IMOGENIA · Quando morava aqui, era inclinado para a tristeza, e muitas vezes, mesmo, sem saber explicar a causa disso.

IACHIMO ·

Nunca o vi triste. Há um francês conosco, um monsieur eminente, que, parece, ama perdidamente uma gaulesa que a resfolgar o obriga qual fornalha. O pândego bretão — vosso marido, digo — a mais não poder gargalha, e exclama: “Oh! Chego a arrebrantar à só idéia de que um homem que sabe pela história, pela própria experiência e tudo quanto ouve sobre as mulheres — que não podem mudar de natureza embora o queiram

nas horas livres a esse ponto anele por uma escravidão irremediável”.

IMOGENIA · Meu marido disse isso?

IACHIMO · Sim, senhora,

com os olhos a nadarem, de risadas.

Dá gosto ficar junto dele a ouvi-lo motejar do francês. Mas o céu sabe como de censurar são esses homens.

IMOGENIA · Ele não, quero crer.

IACHIMO · Dele não falo;

porém sou de opinião que ele devia ser mais agradecido ao céu por tê-lo com liberalidade presenteado.

Já é bastante o que tem; mas em vós própria — que dele sois — qualquer medida é pouca.

Mas, porque vos admiro, sou forçado também a ter piedade.

IMOGENIA · Por que causa?

IACHIMO · Duas criaturas, no íntimo, lastimo.

IMOGENIA · Uma sou eu, senhor? Olhais-me firme.

Que falha descobris em meu conspecto, para vos despertar tanta piedade?

IACHIMO · É lamentável. Como! Voluntário

fugir do sol radiante, para alívio

num cárcere buscar, junto a uma vela!

IMOGENIA · Por obséquio, senhor, sede mais claro

no que me respondeis. Por que dissestes

que eu sou digna, a esse ponto, de piedade?

IACHIMO · Porque outros,

estaria a dizer, na posse entraram

do vosso... Mas aos deuses é que toca

toda a vingança, não me competindo

referir-me a tal coisa.

IMOGENIA · Só parece

que sabeis algo a meu respeito, alguma

coisa particular. Por isso peço-vos —

já que a suspeita muitas vezes dana

mais do que a convicção; porque as desgraças

ou são irremediáveis, ou, se em tempo

conhecidas, passíveis são de cura —

me reveleis o que vos vem, a um tempo,

esprear e deter.

IACHIMO · Se eu conseguisse

banhar os lábios em tão belas faces;

se eu tivesse essa mão, cujo contacto,

cujo simples contacto a antena da alma

forçaria a jurar fidelidade;

este objeto que o olhar me fez cativo, impedindo-o de errar como selvagem, para aqui, só, prendê-lo; se eu deixasse que me babassem lábios freqüentados como os degraus que ao Capitólio levam; ou se em mãos eu tocasse tão calosas por falsidades — sim, por falsidades, como pelo trabalho — e, após, em olhos eu fitasse tão vis e tão sem brilho como a luz fumacenta produzida por um cebo rançoso: merecera semelhante traição ser esmagada por todos os castigos que há no inferno.

IMOGENIA · Meu marido esqueceu-se da Bretanha, receio-o muito.

IACHIMO · Como dele próprio.

Não é contente que vos comunique transformação assim tão feia. As graças que vos são próprias é que do mutismo da consciência até os lábios me evocaram semelhante relato.

IMOGENIA · Basta! Basta!

Não desejo ouvir mais.

IACHIMO · Alma querida,

vossa afronta me abala o dolorido coração. Uma dama tão formosa que, a um império ligado, dobraria de valor o monarca mais possante, igualada, a esse ponto, a prostitutas de que os próprios enfeites são comprados como o que há em vossos cofres; com estragadas aventureiras, que pelo ouro impuro se enchafurdam em todas as doenças, pesteando a natureza; de matéria suarenta, a ponto de passar peçonha até os próprios venenos! Oh! Vingai-vos, se sois, realmente, filha da Rainha e não manchais a vossa nobre estirpe!

IMOGENIA · Vingar-me? De que modo? Se, de fato, tudo isso for verdade — pois no peito me bate um coração que não se deixa facilmente iludir pelos ouvidos — se for certo tudo isso, de que modo poderia vingar-me?

IACHIMO · Oh! Atirar-me a um leito frio, como se eu de Diana fosse sacerdotisa, enquanto a toda

sorte de diversões ele se entrega,
malgrado serdes vós quem sois e, ainda
por cima, com vosso ouro! Não! Vingai-vos!
Dedicarei minha pessoa a vossos
suaves prazeres, por ter mais nobreza
do que esse desprezível renegado
do vosso leito, prometendo ser-vos
constante na afeição, sobre discreto.

IMOGENIA · Aqui, Pisânio!

IACHIMO · Com os lábios confirmai meus leais
serviços.

IMOGENIA · Para trás!

Os ouvidos maldigo por te haverem
tanto tempo escutado. Se, de fato,
fosses homem de bem, seria o móvel
de tua história apenas a virtude,
sem a finalidade que procuras,
tão estranhável quanto vergonhosa.
Ultrajaste um fidalgo, que tão longe
se acha de ser o que disseste dele,
como tu da nobreza. A corte fazes
a quem te odeia como ao próprio diabo.

Aqui, Pisânio! O Rei meu pai vai logo
ficar sabendo deste teu assalto.

Se ele achar conveniente, depois disso,
que seja sua corte transformada,

por um aventureiro audacioso,
num alcouce romano e vil mercado,

é que não tem amor ao próprio reino,
nem à filha respeito. Aqui, Pisânio!

IACHIMO · Oh Leonato feliz! Posso afirmar-te:
a confiança que em ti tem tua esposa

digna é em tudo da fé que lhe dedicas,
como a tua virtude sem parelha

o é de sua lealdade. Tende vida

feliz e muito longa! Por marido

tendes o homem mais digno de que nunca

se ufanou qualquer terra, vós a esposa

que tudo lhe merece. Desculpai-me;

falei dessa maneira, tão-somente

para ver se raízes mais profundas

tinha vossa confiança. Ora de novo

vou declarar quem é vosso marido:

de moral pura, um santo feiticeiro,

que enleva a sociedade em que, se encontra,

entrando, fundo, o coração dos homens.

IMOGENIA · Apresentais desculpas!

IACHIMO · Entre os homens
se mostra como um deus que à terra viesse;
sua reputação incomparável
mais do que humano aspecto lhe confere.

Alta princesa, não fiqueis zangada

por eu ter tido o ousio de sondar-vos,

fingindo uma notícia em tudo falsa.

Mas proveitosa foi, pois com muita honra

serviu de confirmar vosso alto juízo

na escolha de consorte tão distinto

que, como bem sabeis, errar não pode.

O que me fez joeirar-vos desse modo

foi o amor que lhe voto. Mas os deuses

mulher excepcional de vós fizeram,

sem falha alguma. Peço-vos perdão.

IMOGENIA ·

Está bem, meu senhor; contai com quanto

possa eu valer na corte.

IACHIMO · Humildemente

vos agradeço. Quase ia esquecendo

de fazer um pedido a Vossa Graça,

um pequeno favor, mas de importância,

pois diz respeito a mim, a vosso esposo

e a outros amigos nobres, todos eles

interessados nisso.

IMOGENIA · Por obséquio:

de que se trata?

IACHIMO · Cerca de uma dúzia

de romanos, incluído vosso esposo,

a mais formosa pena de nossa asa,

se cotizaram para um mimo darem

ao nosso imperador, que eu, como agente

de todos eles, adquiri na França:

uma baixela de desenho raro,

pedraria custosa e trabalhada,

de mui grande valor. Como estrangeiro,

não posso estar convicto de o ter sempre

em lugar de confiança. Quereríeis

ficar com ele sob vosso amparo?

IMOGENIA ·

Com todo o gosto; empenho nisso a honra.

Desde que meu marido é interessado,

guardarei os presentes no meu quarto.

IACHIMO · Acham-se numa caixa, com meus criados.

Terei o atrevimento de mandar-vo-la

por uma noite, só, pois sou forçado

a embarcar amanhã.

IMOGENIA · Oh! Não! Ficai!
IACHIMO · Perdão, mas é preciso. Se o retorno
 protelar, quebrarei minha palavra.
 Cortei o mar da Gália apenas para
 ver Vossa Graça, como o havia dito.
IMOGENIA · Muito vos agradeço esse trabalho.
 Mas ficai amanhã.
IACHIMO · Não é possível,
 minha senhora. Devo pois, lembrar-vos

que se saudar quiserdes vosso esposo
 por meio de uma carta, é necessário
 que o façais esta noite. Escasso é o tempo
 de que disponho, sobre haver urgência
 na entrega do presente.

IMOGENIA · Vou fazê-lo.
 Mandai a caixa, ela será guardada
 com toda a segurança e mui fielmente
 ao dono restituída. Sois bem-vindo.

(*Saem.*)

Ato II · Cena I

*Bretanha. Diante do palácio de Cimbélino.
 Entram Cloten e dois nobres.*

CLOTEN · Haverá alguém tão sem sorte como eu!
 Ser desviado justamente no instante em que a minha
 bola ia tocar na outra! Tinha apostado cem libras
 nesse lançamento, e vem aquele maldito mono censurar-me
 por eu ter amaldiçoado, como se lhe tivesse pedido
 de empréstimo as expressões e não pudesse jurar por
 conta própria.

PRIMEIRO NOBRE · Que foi que ele ganhou com
 isso? Quebrardes-lhe a cabeça com vossa bola.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Se a inteligência dele
 fosse de tão reduzidas proporções como a de quem
 lhe quebrou a cabeça, teria escapado pela brecha.

CLOTEN · Quando um gentil-homem se mostra com
 disposição de praguejar, os circunstantes não devem
 cortar-lhe as expressões, eh?

SEGUNDO NOBRE · Perfeitamente, milorde.

(*À parte.*)

Nem tosar-lhe as orelhas.

CLOTEN · Cão amaldiçoado! Eu, dar-lhe satisfações?
 Quisera que ele fosse da mesma esfera que eu.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Para ser tão oco como tu.

CLOTEN · Nada neste mundo me causa tanto
 aborrecimento. O diabo que o carregue! Quisera
 ser de sangue menos nobre. Ninguém ousa bater-se
 comigo por causa da Rainha, minha mãe. Qualquer
 João-ninguém estadeia por aí tudo as suas querelas;
 só eu é que me vejo obrigado a andar de um para
 outro lado, tal qual um galo que ninguém ousa
 enfrentar.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Galo e capão a um só
 tempo, que canta com a crista no jeito de gorro de
 bufão.

CLOTEN · Como dissestes?

SEGUNDO NOBRE · Que não fica bem a Vossa
 Senhoria bater-se com qualquer pessoa que venhais
 a ofender.

CLOTEN · Sei disso; mas fica-me bem ofender a
 meus inferiores.

SEGUNDO NOBRE · É certo; mas isso só fica bem
 para Vossa Senhoria.

CLOTEN · Sim, é o que eu penso.

PRIMEIRO NOBRE · Já ouvistes falar do estrangeiro
 que chegou à corte esta noite?

CLOTEN · Um estrangeiro na corte, sem que eu
 tivesse tido conhecimento do fato?

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Sujeito estranho é o
 que ele é, sem que o perceba.

PRIMEIRO NOBRE · Trata-se de um italiano e,
 segundo ouvi dizer, amigo de Leonato.

CLOTEN · Leonato! Aquele velhaco exilado, tão
 velhaco quanto esse seu amigo, seja ele quem for.
 Quem vos falou desse estrangeiro?

PRIMEIRO NOBRE · Um dos pajens de Vossa Senhoria.

CLOTEN · Ficar bem para mim ir procurá-lo? Com
 isso, não descerei da minha dignidade?

PRIMEIRO NOBRE · Não descereis em nada, milorde.

CLOTEN · Não seria fácil, é o que eu penso.

SEGUNDO NOBRE (*à parte*) · Não passais de um
 tolo de marca e, por isso mesmo, tão baixamente
 colocado que, por mais que fizerdes, não podereis
 ficar mais baixo.

CLOTEN · Vamos; irei ver esse italiano. Pretendo ganhar dele esta noite o que perdi no jogo de bolas. Vinde; vamos todos.

SEGUNDO NOBRE · Às ordens de Vossa Senhoria.
(*Saem Clóten e o primeiro nobre.*)

Como se entende que tivesse posto no mundo tão grande asno uma astuciosa diaba como a Rainha que com o cérebro derruba tudo o que acha, enquanto o filho nem se pode lembrar que, se de vinte, dois nós tirarmos, ficarão dezoito. Pobre Imogênia, divinal princesa, quanto deves sofrer! Um pai, de todo

pela sua madrasta dominado; esta a engendrar intrigas a toda hora; um pretendente muito mais odioso do que o exílio de teu caro marido, do que esse ato execrável do divórcio, por ele promovido. Deixe firme Deus as muralhas de tua honra excelsa, sem abalos o templo de tua alma, porque dona de um reino venturoso venhas a ser e de um condigno esposo.

(*Sai.*)

Ato II · Cena II

Um quarto de dormir em que se vê uma mala. Imogênia, no leito, lê um livro; ao lado, uma dama de companhia.

IMOGÊNIA · Quem está aí? Helena?

DAMA DE COMPANHIA · Sim, senhora.

IMOGÊNIA · Que horas são?

DAMA DE COMPANHIA · Meia-noite, quase, alteza.

IMOGÊNIA · Li durante três horas; sinto a vista extremamente fraca. Dobra a folha no ponto em que eu parei. Vai para a cama. Se puderes chamar-me às quatro em ponto, será favor; o sono me domina.

(*Sai a dama de companhia.*)

Ao vosso amparo, deuses, me confio! Protegei-me de fadas e quejandos tentadores noturnos.

(*Adormece. Iachimo sai de dentro da mala.*)

IACHIMO · O grilo canta; lasso, o homem procura refazer-se no sono. De igual modo nosso Tarquínio se esgueirou nos juncos, antes de despertar a castidade que ele próprio feriu. Oh Citeréia, como adornas o leito! Oh fresco lírio, mais branco que os lençóis! Se eu te pudesse tocar! Beijar ao menos! Um só beijo! Rubis incomparáveis, mais preciosos agora vos tornastes. É seu hálito que embalsamado, assim, deixa o ambiente. Inclina-se para ela a chama trêmula da vela, de espreitar toda desejos

por debaixo das pálpebras as luzes que sopitadas se acham sob cortinas brancas e azuis, de cor celeste pura. Mas meu intuito é examinar o quarto. Vou tomar nota por escrito: quadros de pintura com tal e tal assunto; uma janela ali; leito adornado deste modo; tapetes com figuras assim e assim; o enredo das histórias... Oh! Bastará um sinal qualquer do corpo — de valor probatório dez mil vezes maior do que o de objetos inferiores — para deixar meu inventário rico. Sono, mono da morte, pouasa nela pesadamente! Sejam seus sentidos como estátuas da igreja... Vamos a isto...

(*Tira um bracelete de Imogênia.*)

Tão fácil de tirar, quanto o nó górdio de desmanchar, um tempo, foi difícil. Agora me pertence. Como prova exterior vai servir tão poderosa quanto a consciência no de dentro, para deixar louco o marido. Sobre o seio, do lado esquerdo, cinco nevozinhos, como pingos, vermelhos, que nos cálices se vêem as primaveras. Semelhante particularidade tem mais força do que as leis em conjunto. Esse segredo vai obrigá-lo a imaginar que eu pude quebrar os fechos e alcançar o rico

tesouro de sua honra. Basta! Basta!
 Para quê mais? Por que deixar escrito
 quanto tenho bem fixo na memória?
 Estava lendo a história de Tereu;
 a página virada é justamente
 na altura em que se entrega a Filomela.
 Nada mais falta. É tempo de voltarmos

para o baú e de fechar-lhe a tampa.
 Dragões da noite, vinde sem demora!
 Que esperte a madrugada o olhar dos corvos.
 Sinto medo; um minuto, aqui, é eterno;
 anjo embora ela seja, estou no inferno.
 Um, dois, três! Já é tempo.
(Torna a entrar na mala; acaba a cena.)

Ato II · Cena III

*Antecâmara contígua aos aposentos de Imogênia.
 Entram Cloten e nobres.*

PRIMEIRO NOBRE · Não há ninguém tão paciente
 como Vossa Senhoria quando perde; é o mais frio
 homem que em qualquer tempo tirou um ás.

CLOTEN · Quem perde precisa ficar frio.

PRIMEIRO NOBRE · Mas não há ninguém que revele
 paciência como a do nobre temperamento de Vossa
 Senhoria. Quando ganhais, ficais mais quente e
 excitado.

CLOTEN · O ganhar infunde coragem a todo o
 mundo. Se eu pudesse ganhar a tola Imogênia, teria
 outro suficiente. Já é quase manhã, pois não?

PRIMEIRO NOBRE · Dia, milorde.

CLOTEN · Tomara que a música já chegue.
 Aconselharam-me a proporcionar a Imogênia uma
 bela manhã... Dizem que a música penetra fundo.

(Entram músicos.)

Vinde! Tocai. Se conseguirdes abalá-la com vosso
 dedilhado, bem; depois farei uso da eloquência.
 Se nada disso der resultado, ela que fique como
 está. Mas abrir mão dela é o que não faço. Tocai
 em primeiro lugar alguma coisinha excelente
 e com bastante arte; a seguir, alguma ária
 extraordinariamente melodiosa, com palavras
 admiráveis e ricas. E ela que se entregue, depois, as
 duas cogitações.

Canção.

Escuta! A cotovia! Já no oriente
 surgiu Febo. Arduos, ardorosos,
 já aplacam seus corcéis a sede ardente
 nos pétalos donosos.
 Tudo desperta. A terra, matizada,
 de vida e luz transborda.

O mundo inteiro diz à minha amada:
 É tempo, oh linda! Acorda!
 Acorda! Acorda!

CLOTEN · Agora, podeis ir. Se isso penetrar, farei
 bom juízo de vossa música. Caso contrário, é que
 ela tem um defeito nos ouvidos, que não poderá ser
 remediado nem com crina de cavalo, nem com tripa
 de bezerro, nem com a voz dos eunucos.

(Saem os músicos.)

SEGUNDO NOBRE · Vem vindo o Rei.

CLOTEN · Fico contente por me haver levantado
 tarde, que foi essa a causa de estar de pé tão cedo. O
 Rei não poderá deixar de considerar paternalmente o
 serviço que acabo de fazer.

(Entram Cimbelino e a Rainha.)

Bom dia para Vossa Majestade e para minha graciosa
 mãe.

CIMBELINO · Na porta estais de nossa dura filha?
 Não resolveu sair?

CLOTEN · Assaltei-a com música; ela, porém, não
 me concede atenção.

CIMBELINO · Ainda é muito recente o banimento
 do seu apaixonado; tem-no vivo
 na memória. Mister se faz de tempo,
 para tirar-lhe da alma a sua imagem.
 Depois, há de ser vossa.

RAINHA · Deveis muito
 a Sua Majestade, que se esforça
 quanto possível para que Imogênia
 vos venha a preferir. Ora vos cumpre
 cortejá-la direito; amigo sede
 do jeito e da ocasião. Que as negativas
 o zelo vos reforcem. É preciso
 dar a impressão de que essas homenagens
 nascem tão-só do amor e que estais pronto

para em tudo lhe ser obediente,
salvo quando ela vos mandar embora.
Só nesse caso irracional mostrai-vos.
CLOTEN · Irracional, eu? Não!

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Se o permitis, senhor, embaixadores
de Roma; entre eles se acha Caio Lúcio.

CIMBELINO · É ótimo companheiro, muito embora
com intenções hostis agora venha.

Mas não é dele a culpa. Precisamos
prestar-lhe as honras a que tem direito
quem o enviou, e lhe mostrar que somos

lembrados da amizade de que provas
ele nos deu sobejas. Caro filho,
após dardes bom dia a vossa amada,
vinde juntar-vos à Rainha e a mim.
Precisamos de vós, quando tivermos
de receber o embaixador romano.

Vinde, nossa Rainha.

(Saem todos, com exceção de Cloten.)

CLOTEN · Se já estiver de pé, hei de falar-lhe;
caso contrário, durma e sonhe. Olá!

(Bate.)

Sei que com ela estão as suas criadas.
E se eu comprasse alguma? O ouro abre portas
e nos enseja o acesso. Sim, por vezes
o consegue; corrompe, até, o couteiro
de Diana e o faz tocar a caça para
onde se acha o ladrão. O ouro é que mata
o homem honesto e o malfeitor protege.
Sim, às vezes os dois levam até a força.
Será minha advogada uma das criadas,
pois não conheço muito bem a causa.
Se o permitis...

(Bate.)

(Entra uma dama de companhia.)

DAMA DE COMPANHIA ·
Quem está aí? Quem bate?

CLOTEN · Um gentil-homem.

DAMA DE COMPANHIA ·
Somente?

CLOTEN · E filho de uma dama ilustre.

DAMA DE COMPANHIA *(à parte)* ·
Isso é mais do que podem vangloriar-se
muitos que pagam conta no alfaiate
tão alto quanto vós. *(Alto.)* Qual é o desejo
de Vossa Senhoria?

CLOTEN · Está acordada
vossa patroa? Já está pronta?

DAMA DE COMPANHIA · Sim,
para ficar no quarto.

CLOTEN · Aqui tendes dinheiro. Sede boa;
vendi-me um elogio.

DAMA DE COMPANHIA ·
Elogio de quem? O meu ou o vosso?
Eis a princesa.

(Entra Imogênia.)

CLOTEN · Muito bom dia, linda irmã. A mão!

(Sai a dama de companhia.)

IMOGÊNIA ·

Bom dia, meu senhor. Com vossas penas
só comprastes trabalhos. Não possuo
quase agradecimentos senão para
vos dizer que sou pobre de palavras
e que devo poupá-las.

CLOTEN · Sempre e sempre
que vos dedico amor hei de jurar-vos.

IMOGÊNIA · Se apenas o disserdes, pouco importa;
mas se sempre o jurardes, vosso prêmio
será sempre eu dizer que a isso não ligo
valor algum.

CLOTEN · Isso não é resposta.

IMOGÊNIA · Se eu não temesse que no meu silêncio
interpretásseis algo de aquiescência,
nada vos respondera. Por obséquio,
deixai-me em paz. Podeis ter a certeza
de que esses galanteios poderiam
despertar do meu lado malquerença.
Uma pessoa como vós, tão sábia,
deveria saber abster-se, quando
recebe insinuações nesse sentido.

CLOTEN · Se eu vos deixasse entregue a tal loucura,
pecaria decerto. Não o faço.

IMOGÊNIA · Curar não pode um tolo uma lunática.

CLOTEN · Quereis dizer com isso que eu sou tolo?

IMOGÊNIA ·

Já que eu sou louca, sim. Se vos mostrardes
razoável, deixarei de ser lunática;
ficaremos curados. Aborrece-me,
senhor, sobremaneira, me façais
de mim própria esquecida, por falar-vos
com tal desenvoltura. Ora vos digo
de uma vez para sempre — pois à prova
já pus o coração, cuja verdade

confirma estas palavras — que não cuido
no mínimo de vós; e de tal modo
me sinto destituída de piedade —
do que me acuso, é certo — que até ao ponto
chego de vos odiar, o que eu quisera
que vós mesmo sentísseis, sem que fosse
preciso fazer praça de tal coisa.

CLOTEN ·

Pecais contra a obediência aos pais devida,
pois o contrato que alegais, firmado
com esse vil escravo, que vivia
de esmolas e comia em pratos frios
as migalhas da corte, é tudo menos
verdadeiro contrato. Embora seja
permitido a pessoas inferiores —
e quem será mais inferior do que ele? —
unir os corações — do que resulta,
tão-somente, uma prole de mendigos —
em elos voluntários: encontrais-vos
coibida de tão grande liberdade
pelo jus da coroa, não vos sendo
permitido sujar tão rara jóia
com escravo tão vil e desprezível
nascido para usar farda de criado.
um saquiteiro à-toa, sem prestígio.

IMOGÊNIA · Profanador! Embora fosses filho
de Júpiter, e, em tudo o mais, o mesmo,
indigno ainda serias de ser criado
de Póstumo Leonato. Honra sobeja
te coubera, capaz de atear a inveja —
caso confronto entre ambos fosse feito —
se te visses no posto de carrasco
do reino dele e odiado te sentisses
pelo primor mostrado nesse ofício.

CLOTEN · A peste que o carregue!

IMOGÊNIA · Não podia
jamais lhe acontecer maior desgraça
do que lhe pronunciareis ora o nome.
A roupa dele mais modesta e simples,
que lhe tivesse revestido o corpo,

é a meus olhos mais cara do que todos
os cabelos que trazes na cabeça,
embora novos Clotens fossem todos.
Olá, Pisânio!

(*Entra Pisânio.*)

CLOTEN · “A roupa dele!” O diabo...

IMOGÊNIA · Procura a camareira Dorotéia...

CLOTEN · “A roupa dele!”

IMOGÊNIA · Um tolo me atormenta,
me mete medo e deixa-me indignada.

Vai dizer à empregada que procure
uma jóia perdida não sei como.

Do braço me caiu. Foi de teu amo.

Por Deus! não me apartara dela, ainda
mesmo que fosse para obter todo o ouro
de qualquer Rei da Europa. Ainda hoje cedo
presumo tê-la visto; tinha-a à noite
no braço, estou bem certa, pois beijei-a.

Não creio que tenha ido para junto
de meu marido, a fim de dar-lhe a nova
que além dele eu beijei fosse o que fosse.

PISÂNIO · Não há de estar perdida.

IMOGÊNIA · É o que presumo.
Vá logo procurá-la.

(*Sai Pisânio.*)

CLOTEN · Grande ofensa
me fizestes. “A roupa mais modesta...”

IMOGÊNIA ·

Foi isso mesmo, meu senhor, que eu disse.
Se me quiserdes processar, consinto
que chameis para o caso testemunhas.

CLOTEN · Vou contar a meu pai.

IMOGÊNIA · E à mãe, também;
dedica-me afeição. É quase certo
pensar a meu respeito o que há de pior.
Mas, nesta altura, meu senhor, vos deixo
com o vosso mau humor exacerbado.

(*Sai.*)

CLOTEN · “A roupa dele mais modesta...” Seja;
hei de vingar-me disto.

(*Sai.*)

Ato II · Cena IV

Roma. Um quarto em casa de Filário.

Entram Póstumo e Filário.

PÓSTUMO · Ficai tranqüilo, amigo. Desejara poder ter a certeza de que fora fácil dobrar o Rei, como me acho certo de que há de ficar com honra.

FILÁRIO · Junto do Rei com quem contaís na corte?

PÓSTUMO · Com ninguém; mas espero vagamente que o tempo a mudar venha. Na presente situação, de inverno, tenho frio; por isso, ansioso aguardo os dias quentes.

Tal possibilidade, muito vaga, me deixa esperançoso de, algum dia, vos pagar os obséquios. Se falharem, morrerei sem saldar tão grande dívida.

FILÁRIO · Vossa bondade, apenas, em tão grata convivência, me paga de sobejo por quanto eu vos houvesse, acaso, feito. Vosso Rei, a estas horas, com certeza já ouviu falar do nosso grande Augusto.

Há de cumprir a ponto Caio Lúcio quanto lhe foi confiado, estando eu certo de que o Rei vai enviar-nos o atrasado e concordar em nos pagar tributo.

Do contrário, há de ver nossos romanos, cuja imagem trazeis sempre associada aos desastres sofridos.

PÓSTUMO · O que eu penso — muito embora estadista nunca fosse, nem possa vir a sê-lo — é que tudo isso vai acabar em guerra, sendo certo que saltarão, sem medo, na Bretanha, as legiões que na Gália ora se encontram, antes de nos chegar qualquer notícia sobre a paga do mínimo tributo.

Nossos compatriotas têm mais ordem agora do que quando Júlio César ria de nossa falta de experiência, conquanto achasse que a coragem deles era digna de olhares carrancudos.

Ganhando asas agora a disciplina, por causa da coragem, há de, certo, demonstrar a quem quer que nos provoque

não haver outro povo em todo o mundo que saiba, como o nosso, corrigir-se das próprias deficiências.

FILÁRIO · Vede: Iachimo!

(*Entra Iachimo.*)

PÓSTUMO · Os cervos mais velozes vos levaram pelos caminhos, e, de toda a parte, vieram beijar os ventos vossas velas, porque a nave ficasse mais ligeira.

FILÁRIO · Sois bem-vindo, senhor.

PÓSTUMO · Tenho esperanças de que foi a curteza da resposta que vos fez retornar assim depressa.

IACHIMO · Vossa senhora é uma das mais belas mulheres que eu já vi.

PÓSTUMO · Ao lado disso, a melhor, quero crer. Caso contrário, à janela a beleza se poria e a falsos corações armara laços, para ser também falsa.

IACHIMO · Trouxe cartas para vós; ei-las.

PÓSTUMO · Com notícias boas, segundo penso.

IACHIMO · Creio que acertastes.

FILÁRIO · Caio Lúcio se achava na Bretanha, quando estivestes lá?

IACHIMO · Era esperado, mas não tinha pisado, ainda, a praia.

PÓSTUMO · Por enquanto vai tudo muito bem. Como antes brilha minha pedra, ou acha-se baça demais, porque possais usá-la?

IACHIMO · Caso eu viesse a perdê-la, perderia quanto ela vale em ouro. Mas, de grado outra viagem faria ainda mais longa, para fruir uma noite doce e curta como a que lá passei. A pedra é minha.

PÓSTUMO · A pedra é de manejo mui difícil.

IACHIMO · Ao contrário, uma vez que vossa esposa se revelou tão fácil.

PÓSTUMO · Sede cauto, senhor, com vossa perda. Estou bem certo de que sabeis que não nos é possível continuar como amigos.

IACHIMO · Ao contrário, caro senhor; sê-lo-emos, se em tudo isso mantiverdes palavra. Se inconcussas provas eu não trouxesse de que pude conhecer na Bretanha vossa amada, bem: concordo em que a coisa iria longe. Mas me declaro vencedor de sua honra e de vosso anel, sem que, por isso, possa ofendê-la ou a vós, que em todo o pleito atuei de acordo com a vontade de ambos.

PÓSTUMO · Se puderdes provar que no seu leito tomastes posse dela, a vós estendo esta mão e este anel. Caso contrário, por causa da opinião abominanda que formulastes de sua honra pura, será forçoso que um de nós a espada do outro venha a encontrar, ou que, sem dono, sejam elas achadas por terceiros.

IACHIMO · Senhor, tão perto da verdade se acham todas as provas que aduzir pretendo, que haveis de acreditar-me, estando eu pronto a jurar, se preciso. Mas decerto me poupareis de tanto, por supérfluo.

PÓSTUMO · Então, falai.

IACHIMO · Primeiro, sua alcova — onde confesso não haver dormido, concordando em que encerra quanto é digno de ser guardado alerta — atapetada era de seda e prata, com a pintura da orgulhosa Cleópatra, no instante de encontrar o romano. As margens tinha inundadas o Cidno, ou por vaidade, ou do peso dos barcos, obra de arte de tanta perfeição, tão bem tecida, que o valor competia com a mão-de-obra. Compreender não podia como fora possível realizar um quadro desses com tanta perfeição e tal capricho, transbordante de vida.

PÓSTUMO · É verdadeiro quanto dizeis; mas isso poderíeis ter ouvido de mim, aqui, ou de outrem.

IACHIMO · Reforçarão, talvez, outras minúcias quanto eu disse até agora.

PÓSTUMO · É o que é preciso, para que disto não saiais sem honra.

IACHIMO · A chaminé fica no lado sul,

representando a peça a deusa Diana no instante de banhar-se. Nunca eu vira figuras tão falantes por si próprias. Fora o canteiro uma outra natureza: mudo, apenas, chegando a ultrapassá-la; só o hálito e a palavra é que faltavam.

PÓSTUMO · Poderíeis, também, ter ouvido isso; por se tratar de peça conhecida, de que muito se fala.

IACHIMO · Ornamentado com anjos de ouro é o teto do aposento. Os cães de chaminé — ia deixando de falar nisso — são Cupidos cegos, com um dos pés, só, no chão, graciosamente nos fachos apoiados.

PÓSTUMO · Será isso a honra dela! Concordemos que houvésseis visto todas essas coisas — e efusivos louvores não vos nego, pela boa memória — mas a simples relação do que o quarto dela encerra, em nada vos fará ganhar a aposta.

IACHIMO · Então perdi a cor, se for possível. Permiti que vos mostre, só de longe, esta jóia preciosa. Vede! (*Mostra a pulseira.*) E agora guardemo-la de novo; vou casá-la com vosso anel, que meu vai ser em breve.

PÓSTUMO · Jove! Deixai-me contemplá-la. É a mesma que eu lhe dera?

IACHIMO · Senhor — graças lhe sejam dadas — é a mesma. Foi por ela própria desprendida do braço. Ainda a revejo; seu gesto donairoso a bela jóia desvaloriza e a deixa, a um tempo, rara. Fez-me presente dela e disse: outrora lhe dava algum valor.

PÓSTUMO · Quem sabe se ela não mandou que me fosse entregue a jóia?

IACHIMO · Ela vos escreveu nesse sentido?

PÓSTUMO · Oh, não! Não! É verdade... Tomai isto, também; também é vosso.

(*Dá-lhe o anel.*)

É um basilisco, que, só de olhar, pode tirar-me a vida. Nunca honra pode haver onde há beleza, verdade onde há aparência, nem afeto onde estiver outro homem. Que as palavras

de amor de uma mulher obriguem tanto quanto a virtude destas, isto é, nada.

Oh! Falsa a conta toda!

FILÁRIO · Ficai calmo, caro senhor, e retomai a pedra.

Ganha ainda não foi. É bem possível que ela a tenha perdido, ou que uma criada, vendida, lhe roubasse aquela jóia.

PÓSTUMO · É certo! É certo! Assim foi que ele a obteve.

Restituí-me o anel e revelai-me qualquer sinal que, acaso, ela possua no corpo, de maior valor probante do que esta jóia... Que isto foi roubado.

IACHIMO · Por Jove, retirei-a de seu braço.

PÓSTUMO · Vede como ele jura! Invoca Jove... Disse a verdade; retomai a pedra.

Ela não perdeu nada, é mais que certo.

Todas as suas criadas são honradas; prestaram juramento. Um estrangeiro suborná-las? Roubarem-lhe a pulseira?

Não! Ele a possuiu. A prova temos de sua incontinência: a própria jóia.

Não lhe custou muito barato o título de rameira. Aqui tens o teu salário; que os demônios do inferno a posse dele venham vos disputar.

FILÁRIO · Amigo, calma!

Nada disso faz prova convincente para quem tem certeza...

PÓSTUMO · Basta! Basta!

Nem mais uma palavra! Está provado: ele a possuiu, decerto.

IACHIMO · Se quiserdes

outras provas, direi que sob o peito — digno de uma carícia — vê-se um nevo muito orgulhoso da gentil morada.

Como o bejei, por minha vida! Deu-me nova fome, depois de satisfeito, para outra vez comer. Estais lembrado da mancha de que falo?

PÓSTUMO · Sim; confirma uma outra mancha, que não caberia dentro do próprio inferno, embora nada mais lá se contivesse.

IACHIMO · Se quiserdes que eu diga outros sinais...

PÓSTUMO · Não; dispensai-me dessa vossa aritmética; não quero saber o número de vezes, se uma, somente, ou se um milhão.

IACHIMO · Posso jurar-vos...

PÓSTUMO · Nada de juramentos! Se jurardes que o não fizestes, estareis mentindo. Mato-te, se negares que puseste cornos em minha testa.

IACHIMO · Nada nego.

PÓSTUMO · Ah! Se a tivesse à mão, para rasgá-la membro por membro! Voltarei à corte para, à vista do pai, pôr isso em prática. Vou fazer qualquer coisa...

(*Sai.*)

FILÁRIO · Ficou fora do juízo inteiramente. Ganhastes a partida. Acompanhem-lo, para frustrar-lhe a cólera, que ameaça contra ele se virar.

IACHIMO · Com todo o gosto.

(*Saem.*)

Ato II · Cena V

O mesmo. Outro quarto da casa.

Entra Póstumo.

PÓSTUMO · Não haverá maneira, para os homens, de nascer, sem que façam as mulheres metade do trabalho? Somos todos bastardos, todos; e esse venerável senhor, a que de pai eu dava o nome, se achava não sei onde no momento em que eu fui concebido. Algum moedeiro

de moeda falsa, com seus instrumentos fez a minha figura. No entretanto, minha mãe parecia ser a Diana

do seu tempo, tal como minha esposa que no presente similar não tinha.

Oh! Vingança! Vingança! Muitas vezes me privou ela do prazer legítimo, o que fazia com pudor tão róseo, que a visão infável poderia até o velho Saturno pôr em chamas.

Parecia tão pura quanto a neve
 não tocada do sol. Oh! Com os demônios!
 Esse Iachimo amarelo, só numa hora...
 Talvez menos... Quem sabe? Logo, logo...
 Nem chegou a falar, mas como um nédio
 javali da Germânia gritou: Oh!
 para montar depressa, sem que achasse
 nenhuma oposição, senão a que ele
 próprio esperava achar e que do abalo
 devia resguardá-la. Oh, se eu pudesse
 conhecer quanto em mim provém das fêmeas!
 Não há pendor que para o vício tenda
 que na mulher não vá buscar a origem.
 Vejamos: a mentira — tomai nota —
 vem da mulher; a adulação vem dela;
 idem, a fraude; os pensamentos lúbricos,

a luxúria vem dela, dela apenas;
 a vingança, a ambição, desdém, cobiça,
 a ostentação leviana, vãos caprichos,
 os desejos ardentes, a calúnia,
 todos os vícios que nomear pudermos,
 isto é, que haja no inferno, dela vêm,
 se não todos, em parte, ou melhor, todos,
 porque mesmo no vício
 não se mostram constantes; a toda hora
 trocam de um vício velho de um minuto
 por outro menos velho de metade.
 Vou escrever contra elas, detestá-las,
 lançar-lhes maldições. O melhor meio
 de lhes revelar ódio de verdade
 é querer que elas vivam à vontade.
 Nem o diabo tão bem as castigara.

(Sai.)

Ato III • Cena I

*Bretanha. Sala do palácio de Cimbélino.
 Por uma porta entram Cimbélino, a Rainha, Cloten e
 nobres; por outra, Caio Lúcio e séquito.*

CIMBELINO · Agora nos dizei o que deseja
 conosco Augusto César.

LÚCIO · Quando Júlio
 César, cuja lembrança ainda perdura
 nos olhares dos homens, para as línguas
 e os ouvidos assunto sempiterno,
 nesta Bretanha esteve e a conquistou,
 Cassibelano, vosso tio — célebre
 nos encômios de César e não menos
 merecedor de glória por seus feitos —
 assumiu, perante ele, o compromisso,
 que seria extensivo aos sucessores,
 de aos romanos pagar o anual tributo
 de três mil libras, compromisso expresso
 de que vos esquecesteis.

RAINHA · Porque o espanto
 venha a morrer, assim ficará sempre.

CLOTEN · Ainda terão de vir bastantes Césares
 antes de um outro Júlio. É um mundo à parte
 nossa Bretanha. Nada pagaremos
 para usar os narizes.

RAINHA · Já foi deles
 a possibilidade de usar força;

é nossa, agora, a vez de demonstrá-la.
 Meu senhor e meu Rei, sede lembrado
 dos reis vossos maiores e, igualmente,
 da natural bravura de vossa ilha
 que, como um parque de Netuno, se acha
 guarnecida de estacas e costelas
 de rochedos a pique e mares grossos,
 de bancos arenosos, que, mui longe
 de suportar os barcos inimigos,
 vão tragá-los até o mais alto mastro.
 César, de fato, aqui fez uma espécie
 de conquista, porém não disse a sua
 bravata de “Cheguei, vi e venci”.
 Cheio de opróbrio — pela vez primeira
 sentia seus efeitos — duas vezes
 repellido se viu de nossas costas.
 Seus navios — brinquedos ignorantes
 dos mares temerosos que nos cercam —
 eram casquinhas de ovos sobre as ondas
 levantadas e que iam facilmente
 dar de encontro nas rochas e quebrar-se.
 Em sinal de alegria, o mui famoso
 Cassibelano, que no ponto estava —
 oh Fortuna impudica! — de a cesárea
 espada senhorear, acendeu fogos
 na cidade de Lud, o que aos bretões
 fez crescer a coragem.

CLOTEN · Qual o quê! Não pagaremos coisa alguma. Nosso reino está mais forte agora do que antes, e, como disse, já não existem césaes como o outro. Muitos poderão ter nariz adunco, mas nenhum possuirá braço tão forte, nenhum.

CIMBELINO · Filho, deixai que vossa mãe termine.

CLOTEN · Entre nós há muita gente capaz de agarrar tão firmemente como Cassibelano. Não digo que eu seja um deles, mas o que não me falta é mão. Por que tributo? Por que devemos pagar tributo? Se César puder tapar-nos o sol com um cobertor ou meter a lua no bolso, então, sim, pagaremos tributo para obtermos luz. Caso contrário, meu senhor, não haverá tributo; está dito.

CIMBELINO · Como deveis saber, enquanto esses romanos atrevidos não nos haviam extorquido páreas, éramos livres. César, no entretanto — cuja ambição se inflou de tal maneira que chegou quase a arrebentar o mundo — sem a menor parcela de direito pôs sobre nós o jugo. Ora atirá-lo para longe compete a um povo altivo como de o ser o nosso tem consciência. Dizemos, pois, a César que Mulmúcio foi nosso antepassado; a ele devemos nossas primeiras leis, que com a espada César tanto estragou. Mas restaurá-las com o poder que detemos vai ser nossa virtude de ora avante, embora Roma se revele agastada. Foi Mulmúcio que nos ditou as leis, tendo sido ele o primeiro a fazer cingir a fronte com uma coroa de ouro e a ser chamado de Rei pelos bretões.

LÚCIO · Muito me pesa, Cimbélino, por ter de declarar-te que Augusto César — César, que dispõe de mais reis como criados do que possas ter serventes em casa — é teu imigo.

Ouve de mim, portanto: no alto nome de César contra ti proclamo guerra, guerra e devastação. Incontrastável furor é o que te aguarda. Desse modo lançado o desafio, eu te agradeço no que a mim, tão-somente, diz respeito.

CIMBELINO · Caio, és bem-vindo; fez-me cavaleiro teu César; e sob ele passei grande parte da mocidade. Honra lhe devo. Mas se dela pretende despojar-me, para luta de morte se prepare. Sei que os panônios e os dalmácios se acham de armas na mão, dispostos à defesa de suas liberdades. Se esse exemplo os bretões não notassem, fora prova de sangue muito frio, o que, decerto, César não vai achar.

LÚCIO · Falem os fatos.

CLOTEN · Sua Majestade vos dá as boas-vindas. Ficai conosco um ou dois dias, ou até mesmo mais tempo. Se depois disso nos procurardes em outros termos, haveis de nos encontrar no nosso cinturão de água salgada. Se dele nos tirardes, vos ficará pertencendo; se fordes vencido na aventura, ensejareis aos nossos corvos um belo rega-bofe. É só.

LÚCIO · Pois não, senhor.

CIMBELINO ·

Sei o que quer vosso amo, e ele o que eu quero. Em tudo o mais, bem-vindo.

(*Saem.*)

Ato III · Cena II

Outro quarto do mesmo. Entra Pisânio, a ler uma carta.

PISÂNIO · Como! Adultério? Por que causa o nome do monstro acusador não mencionastes? Oh meu senhor! Leonato! Que estrangeira infecção nos ouvidos se te alojam? Que italiano, de língua e mãos nocivas, prevaleceu em teus sentidos crédulos?

Desleal? Oh, não! Punida vai ser ela por te ter sido fiel. Mais como deusa do que como mulher suporta assaltos que outras reputações tombar fariam. Oh meu amo! Tão mais baixo dela tua alma ora se encontra, como sempre tua fortuna esteve. Assassiná-la? Pelo amor e lealdade, pelos votos

que te prestei? Eu, derramar-lhe o sangue?
 Se assim fazer é te prestar serviço,
 bom servidor não quero ser chamado.
 Que forma é a minha, para que eu pareça
 falto de humanidade e me suponham
 capaz de um ato desses? (*Lê.*) “Faze-o; a carta
 que lhe enviei vai te dar ensejo disso,
 por ordem dela própria.” Amaldiçoado
 papel, tão negro como a própria tinta!
 Trapo insensível, és neste ato cúmplice
 e virginal aspecto tens por fora?
 Ei-la! Devo fingir que ignoro tudo.

(*Entra Imogênia.*)

IMOGÊNIA · Então, Pisânio?

PISÂNIO · Uma carta, senhora, de meu amo.

IMOGÊNIA ·

De quem? Teu amo? É meu também, Leonato.

Sábio seria o astrônomo que os astros
 conhecesse como eu a letra dele.

Leria no futuro. Dai-me, deuses

bondosos, que as notícias sejam todas

de amor, saúde e de alegria pura

não que um do outro nos achamos longe,

porque isso o magoaria. Algumas dores

são passíveis de cura; esta é uma delas:

reforça o amor. Satisfação em tudo.

portanto, menos nisso. Boa cera,

com tua permissão. Sede abençoadas,

abelhas, por fazerdes os ferrolhos

para tantos segredos. Os amantes

e os devedores insolúveis, votos

formulam diferentes. Muito embora

para a prisão mandeis os devedores,

selais as tábuas de Cupido infante.

Boas notícias, deuses!

“A lei e a cólera de vosso pai, se me encontrassem

em seus domínios, não poderiam ser tão cruéis

para mim como vós, oh criatura caríssima! se com

vosso olhar vos recusásseis a me chamar à vida.

Ficai sabendo que me encontro na Câmbrria, em

Milford-Haven. Segui o que vos aconselhar o amor

em semelhante circunstância. Com isso, deseja-vos

todas as venturas o que se mantém fiel ao voto feito,

o vosso, em amor sempre crescente.

Leonato Póstumo.”

Oh! Um cavalo de asas! Compreendeste,

Pisânio? Ele se encontra em Milford-Haven.

Lê e me diz que distância fica.

Se, por negócios fúteis, pode um homem
 numa semana ir lá, por que não posso
 esgueirar-me um só dia até esse ponto?
 Por isso, fiel Pisânio, já que mostras
 ansiedade, como eu, de ver teu amo...
 Não; nada de exageros; não como eu.
 Sim, dás mostras por modo menos vivo,
 não como eu, tão violento, que este anseio
 vai muito além do além... Fala depressa —
 o conselheiro de Cupido deve
 quase entupir o ouvido com palavras,
 com risco de asfixia — a que distância
 fica esse abençoado porto, Milford?

Contar-me-ás em caminho como Gales

teve a ventura de possuir tal porto;

mas, primeiro de tudo, de que modo

escaparmos daqui; qual a desculpa

para encher o vazio que fizermos

desde a partida até nosso retorno?

Mas, primeiro, pensemos na saída;

por que dar nascimento a essa desculpa

antes de concebida? Falaremos

disso depois. Responde-me depressa,

por favor: quantas vezes vinte milhas

a cavalo faremos numa hora?

PISÂNIO · De sol a sol, princesa, vinte milhas

serão bastante, e, para vós, excesso.

IMOGÊNIA · Ora, amigo, mais lento não iria

quem fosse para a forca. De carreiras

em compita já soube, em que os cavalos

corriam mais depressa do que a areia

no interior da ampulheta. Mas tudo isso

não passa de brinquedo. À camareira

vai dizer que se finja de doente,

para pedir que mandem vê-la o pai.

Depois, me arranja roupa para viagem;

não muito cara; como as usaria

mediana proprietária.

PISÂNIO · Acho, princesa,

que deveríeis refletir...

IMOGÊNIA · Só vejo,

homem, na minha frente; nada enxergo

dos lados nem atrás. Neblina é tudo,

que me impede a visão. Vamos! Depressa!

Faze o que eu disse; livre há um só caminho:

para Milford; o mais é pedra e espinho.

(*Saem.*)

Ato III • Cena III

País de Gales. Região montanhosa. Uma caverna. Saem da caverna Belário, Guidério e Arvirago.

BELÁRIO · Dia muito bonito para estarmos em casa, quando é baixa como a nossa. Abaixai-vos, rapazes; esta porta nos ensina a adorar o céu, forçando-vos a vos dobrar para a oração do dia. Tão elevadas são dos reis as portas que os gigantes altivos as transpõem com seus turbantes ímpios, dispensando-me de saudarem o sol. Salve, céu lindo!

Moramos em caverna, mas tratamos-te com rudeza menor do que os vaidosos moradores de esplêndidos palácios.

GUIDÉRIO · Salve, céu!

ARVIRAGO · Salve, céu!

BELÁRIO · Agora, nossa caça montanhosa. Subi a colina; tendes pernas moças; ficarei cá no baixo. Quando do alto me enxergardes menor ainda que um corvo, refleti que é o lugar que, muitas vezes, nos diminui ou exalta. Então lembrai-vos de quanto vos contei, de cortes, príncipes, das intrigas da guerra e que serviço não é tal, quando feito, mas apenas quando reconhecido. Do que vemos tiraremos vantagens, se soubermos tirar as conclusões; pois, muitas vezes, para nosso consolo, notaremos que o escaravelho alado está mais firme com seus élitros frágeis do que as águias de possantes remígio. Nossa vida tem mais nobreza do que a das pessoas sujeitas a censuras; é mais rica do que a de quantos só de peitas vivem; é mais honrada do que a de quem passa com vestidos de sedas roçagantes, mas ainda não pagos. Cumprimentam-nos muitas vezes os próprios que os enfeitam, sem quitação poderem dar das contas. Comparada com a nossa, não é vida.

GUIDÉRIO · Falais por experiência; nós, contudo, pobres seres sem asas, nunca voamos a ponto de perder de vista o ninho,

nem conhecemos o ar que alhures sopra. Talvez seja a melhor, mesmo, esta vida, se merece tal nome a vida calma.

Mais doce é para vós, por conhecerdes outra mais rude; em tudo é condizente com vossa dura idade. No entanto, para nós é uma cela de ignorância, é viajar sem jamais sair da cama e estar preso por dívidas, sem nunca poder transpor o limiar proibido.

ARVIRAGO · De que iremos falar, quando chegarmos à idade que ora tendes? Quando ouvirmos em dezembro bater a chuva e os ventos, de que modo passar as horas frias na caverna gelada? Não teremos visto nada; vivemos como feras; nossa astúcia é tal qual a da raposa no enalço de uma presa; belicosos somos quais lobos, quando à caça vamos; ir empós do que foge é nosso brio; em coro transformamos a gaiola, tal como livremente canta o pássaro a prisão em que vive.

BELÁRIO · Que linguagem! Se a usura das cidades conhecêsseis tal como o que resulta dessa usura! O artifício da corte, tão difícil de abandonar, como de ser vivido; o pináculo é queda, ou tão instável que a queda e o medo de cair se igualam. São as lidas da guerra só canseiras que parecem buscar perigos grandes sob o nome de glória que fenece no esforço da procura e que, por vezes epitáfio injurioso é quanto alcança como recordação de um grande feito. Não; para o bem, o mal é a recompensa; pior, ainda: ante a censura é força que nos curvemos. Jovens! Essa história o mundo lê em mim. No corpo trago a marca das espadas dos romanos; minha fama era igual à dos melhores. Cimbélino me amava; e quando o tema da conversa era algum dos seus soldados, meu nome estava perto, pois qual árvore

era eu então, de galhos carregados.
Mas numa noite, apenas, a tormenta —
chamai-lhe ladroíce — pôs por terra
meus doces frutos todos; mais: as folhas,
e, despido, me expôs às intempéries.

GUIDÉRIO · Oh! Que favor instável!

BELÁRIO · Minha falta,
como vos disse já bastante vezes,
consistiu tão-somente em dois velhacos —
de juramentos falsos mais valiosos
do que minha honra pura — terem dito
a Cimbelino que eu me havia aliado
ao romano inimigo. Fui banido;
durante estes vinte anos esta rocha,
esta amplidão constituiu meu mundo,
onde vivi em liberdade honesta,
pagando ao céu mais dívidas piedosas
do que em todos os anos anteriores.
Mas subamos a encosta; esta linguagem
não é de caçadores. Quem primeiro
ferir a caça, o Rei será da festa;
os outros dois lhe servirão de criados,
sem que medo tenhamos do veneno
que nas cortes pomposas sempre existe.
Encontrar-me-eis no vale.

(Saem Guidério e Arvirago.)

Esconder é difícil as centelhas
da natureza. Ignoram os rapazes
que são filhos de reis, como nem sonha
Cimbelino que os dois estejam vivos.
Pensam que eu sou pai deles, e, conquanto
tenham sido educados na caverna

que os força a se curvarem, até os cimos
dos palácios lhes sobe o pensamento.
Nas situações mais simples e vulgares
lhes mostra a natureza o rumo em que hão de
caminhar como príncipes, em tudo
diferentes dos outros. Polidoro,
de Cimbelino e da Bretanha herdeiro,
a que o pai deu o nome de Guidério...
Por Jove! Sempre que eu, do meu banquinho
de três pés lhe relato minhas proezas
de guerreiro, com espírito exaltado
a história me interrompe. Se lhe falo:
“O inimigo caiu desta maneira;
o pé, assim, lhe pus sobre o pescoço...”
fica com os nervos tensos e com o gesto
reproduz meu relato. O irmão mais moço,
Cadval — seu nome antigo era Arvirago —
em posição igual, dá vida à história,
revelando ainda mais os sentimentos.
Atenção! Levantada foi a caça.

Oh Cimbelino!

Diz-me o céu e a consciência que tu foste
injusto ao me banires. Essa a causa
de eu ter, então, raptado teus dois filhos,
quando um, dois anos, o outro, três contava,
pensando em te privar da sucessão,
como me havias dos meus bens privado.
Serviste de ama aos dois, saudosa Eurífile;
como mãe te acatavam. Diariamente
teu túmulo eles honram. A mim próprio,
Belário — agora Morgan — em conta eles
me têm de pai. A caça já vem vindo.

(Sai.)

Ato III · Cena IV

*Perto de Milford-Haven.
Entram Pisânio e Imogênia.*

IMOGÊNIA · Quando apeamos, disseste que já estávamos
quase a chegar. Jamais teve desejos
minha mãe de me ver como eu agora.
Homem! Pisânio! Onde se encontra Póstumo?
Que se passa contigo, para estares
a olhar dessa maneira? Qual a causa
desse suspiro que do peito soltas?
O retrato de alguém nessa atitude

seria interpretado como a própria
perplexidade, embora não falasse.
Não assumas postura apavorada,
para que meus sentidos tão tranqüilos
tomados de loucura não se vejam.
Que aconteceu? Por que com olhar severo
me dás esse papel? Se for notícia
de verão, basta rires; se de inverno,
como estás continua. A letra é dele!
A Itália venenosa encontrou meios
de vencer meu marido; ele se encontra

nalguma situação de grande risco.
Fala, homem; tua boca, porventura,
vai atenuar o horror que, lido, pode
ser fatal para mim.

PISÂNIO · Por favor, lede,
para em mim verdes a infeliz criatura
mais que todas pisadas pelo fado.

IMOGENIA (*Lê*) · “Tua senhora, Pisânio, procedeu
no meu leito como prostituta; as provas desse fato
sangram dentro de mim. Não falo movido apenas
por conjeturas, mas por provas tão fortes quanto
a vingança que almejo tomar. Pisânio, tens de
representar o meu papel, no caso de não estares
com a fidelidade conspurcada pelo hálito dela.
Deves matá-la com tuas próprias mãos; dar-te-ei em
Milford-Haven oportunidade para isso; a carta que
lhe fiz visa a esse fim. Se, lá chegado, te mostrares
receoso de desfechar golpe e de dar notícia certa do
acontecido, tornar-te-ás alcoviteiro de sua desonra e,
de igual modo, desleal com relação à minha pessoa.”

PISÂNIO · Por que sacar da espada? Transpassada
pela carta já tem ela a garganta.

Não; é calúnia, cujo gume corta
muito mais do que o fio desta espada;
traz na língua o veneno mais ativo
do que os vermes do Nilo; monta os ventos
seu hálito pestífero, que os cantos
todos do mundo infecta; reis, rainhas,
cortes, virgens, matronas... até mesmo
no secreto do túmulo a calúnia
vipérina penetra. Então, senhora?

IMOGENIA · Falsa a seu leito? Então, que é falsidade?

De vigília ficar, pensando nele?
Chorar todas as horas? Quando pode
mais do que o sono a natureza, tê-lo
de súbito cortado por terrível
pesadelo, em que o vejo e, angustiada,
despertar entre gritos... Ao seu leito
ser falsa será isso?

PISÂNIO · Pobre senhora!

IMOGENIA · Eu, falsa? Que o proclame
tua própria consciência. Iachimo, quando
de devasso o acusaste, parecias
um vilão consumado, mas agora
tua figura me parece boa.

Embelecou-o, decerto, alguma pega
da Itália, que por mãe tem a pintura.

Já estou velha; sou roupa fora de uso,
e por ser cara em demasia, para
ficar dependurada nas paredes,
forçoso é me rasgarem. Logo, façam-me
em pedacinhos! Oh! As juras
dos homens atraíçoam as mulheres.
Com tua queda, esposo, conseguiste
que as belas aparências sejam tidas
como máscaras, só, da hipocrisia,
de alhures transplantadas, mero engodo
para apanhar mulheres.

PISÂNIO · Um momento,
boa senhora.

IMOGENIA · Após o falso Enéias,
ouvidos, foram tidos como hipócritas
todos os homens bons, do mesmo modo
que o choro de si não pôs em descrédito
as lágrimas piedosas, despojando
da piedade a miséria verdadeira.

Do mesmo modo, Póstumo, cansaste
a destruição nos homens mais honestos:
os mais nobres e bons, como perjuros
serão tidos após tua grande queda.

Vamos, amigo; sê honesto: faze
como mandou teu amo. Quando o vires,
conta-lhe que obediente eu soube ser-lhe.
Eu própria arranco a espada. Vê! Com ela
fere este abrigo ingênuo de amor puro,
o coração transpassa-me. Não temas;
com exceção da dor, não contém nada.
Teu amo ali não se acha; outrora ele era
seu único tesouro. Vamos! Fere-o!
Faze o que te ordenou. Em melhor causa
podes ser corajoso, mas agora
covarde me pareces.

PISÂNIO · Fora, estúpido
instrumento de morte! Não me deixes
amaldiçoada a mão com o teu contacto.

IMOGENIA · É preciso que eu morra. Se esse golpe
não vier de tua mão, é que obediente
criado dele não és. A lei divina
tanto proíbe o suicídio, que, sem força,
me cai o braço. Vamos! Vamos! Podes
ferir-me o coração. Espera um pouco:
algo há em frente. Devagar! Não quero
defesa alguma. Como na bainha,
se enterre em mim a espada. Mas que é isto?

Letras do fiel Leonato, transformadas em heresia? Fora, corruptores de minha fé! Não seguireis pesando-me no coração. É assim que falsos mestres enganam seus alunos. Mas se as vítimas o acúleo da traição sentem no vivo, mais sofre o enganador acerbas dores.

Tu, Póstumo, também, que me incitaste a desobedecer ao Rei meu pai

e a desprezar as homenagens feitas por fidalgos e príncipes, ainda há de perceber algum dia que tudo isso não foi ação comum, senão mui rara, causando-me tristeza o pensamento de que, quando saciado te encontrares daquela que hoje comes vorazmente, muito minha lembrança há de pungir-te.

Vamos! A ovelha incita o carneiro. Onde está tua faca? És muito lento na execução das ordens de teu amo, quando eu também quero isso.

PISÂNIO · Oh nobre dama!

Desde que eu recebi essa incumbência, não preguei olhos.

IMOGENIA · Se assim é, despacha-te depressa e vai deitar-te.

PISÂNIO · Com vigílias, primeiro, hei de perder a própria vista.

IMOGENIA ·

Por que, então, começaste e tantas milhas a andar nos obrigaste inutilmente?

Por que viemos aqui, sem que aproveites nosso esforço, a canseira dos cavalos

e o momento propício? Para a corte — alvoroçada com a minha fuga —

não poderei voltar. Por que chegaste até este ponto? Para largar o arco,

depois de assim te haveres posto em frente da vítima escolhida?

PISÂNIO · Para poder, com isso, ganhar tempo e a perder vir tão odioso emprego.

Excogitei um meio. Ouvi-me, cara princesa, com paciência.

IMOGENIA · Fala, deixa cansada a língua. O nome já me deram de prostituta; não será possível

ferir-me a orelha golpe mais profundo, que a sonda a esse não chega. Vamos; fala.

PISÂNIO · Pois bem, senhora; estava convencido de que não voltaríeis.

IMOGENIA · É evidente, pois me trouxeste aqui para matar-me.

PISÂNIO · Não é isso. Porém se eu for tão sábio quanto honesto pareço, meu projeto dará bom resultado. Não há dúvida que meu amo foi vítima de embuste.

Algum vilão, algum vilão muito hábil e único em seu mister, contra vós ambos aplicou seus diabólicos processos.

IMOGENIA · Alguma cortesã de Roma.

PISÂNIO · Não, por minha vida. Mandar-lhe-ei notícia de que já não viveis, acompanhada de algum sinal de sangue, pois tenho ordem para assim proceder. Será sentida vossa falta na corte, o que há de, certo, confirmar o meu dito.

IMOGENIA · Mas, bom homem, que farei durante isso? De que modo viver? Onde ficar? Como alegria vir a achar nesta vida, se estou morta para o próprio marido?

PISÂNIO · Se retornar quiserdes para a corte...

IMOGENIA ·

Não; nem corte, nem pai, nem coisa alguma desse estúpido nobre, desse simples coisa nenhuma, Cloten, desse Cloten cujas declarações são mais terríveis para mim do que um cerco.

PISÂNIO · Se é impossível na corte continuardes, na Bretanha não podereis ficar.

IMOGENIA · Onde, então, homem?

O sol é da Bretanha? Por acaso só na Bretanha é que faz dia e noite?

Nossa Bretanha é parte do volume do mundo, não todo ele, um belo ninho de cisne na lagoa. Podes crer-me: não é só na Bretanha que se vive.

PISÂNIO · Muito me alegra ver que já pensastes noutros lugares. Deve em Milford-Haven, em pouco, estar o embaixador romano, Lúcio. Pois bem: se acaso for possível assumirdes feições mais adequadas ao vosso escuro fado e disfarçardes o que, patente, vos ocasionara

tão-somente perigo, bela estrada
se vos depararia e de infável
perspectiva, que possa, talvez mesmo,
vos levar até Póstumo, ou tão perto
dele que se seus atos não ficarem
visíveis, aos ouvidos a toda hora
vos chegarão notícias de como ele,
realmente, se comporta.

IMOGÊNIA · Oh! Se houver meio!

Embora a honra perigue, sem que possa
sucumbir na empresa, arrisco tudo.

PISÂNIO · Muito bem; eis o ponto. É necessário,
esquecendo já já que sois mulher,
a obediência trocades pelo mando,
a tibieza e a doçura — as duas aias
da mulher, ou, melhor, a própria graça
feminina em pessoa — em petulante
coragem. Sede audaz no que disserdes,
rápida nas respostas, insolente,
de gênio tão briguento quanto a marta.
É até preciso não vos preocupardes
com o tesouro das faces, mas expô-las —
Oh duro coração! Mas é assim mesmo;
não há remédio — ao ávido contacto
do Titã que seus beijos malbarata,
sem mais cuidardes desses trabalhosos
e esquisitos enfeites com que Juno
tendes aborrecido.

IMOGÊNIA · Sê conciso;
percebo teu intento e já me sinto
quase mudada em homem.

PISÂNIO · É preciso,
primeiro, que tomeis deles a forma.
Prevendo isso, já trouxe em meu alforje
um casaco, calções, chapéu e quanto

o exige a circunstância. Assim vestida
e assumindo a aparência de um mancebo
de traços delicados, à presença
do nobre Lúcio ireis, para pedir-lhe
que vos tome a serviço, declarando-lhe
o que sabeis fazer, coisa, decerto,
mui fácil para vós, se ele insensível
não for de todo à música. Sem dúvida
vos há de receber com alegria
por ser pessoa honrada e, sobretudo,
em extremo piedosa. Quanto aos meios
de subsistência, disporeis de tudo
quanto possuo. Sou bastante rico
para não vos faltar na hora presente,
nem deixar de prover-vos no futuro.

IMOGÊNIA · Constituis para mim todo o consolo
que os deuses me deixaram. Parte logo.
Ainda falta pensar em muita coisa,
mas agirei conforme as circunstâncias.

Entro como soldado nesta empresa,
com coragem de príncipe. Vai logo!

PISÂNIO · Neste ponto, princesa, despeçamo-nos
sem mais delongas, para que não seja
sentida minha ausência nem se achem
suspeitas de que eu fui cúmplice nisto.
Minha nobre senhora, há nesta caixa
que a Rainha me deu algo precioso.
Se enjoardes no mar, ou se sofrerdes
fraqueza em terra, algumas gotas bastam
para vos refazer em pouco tempo.
Acolhei-vos à sombra e revesti-vos
da força masculina. Que vos guiem
os deuses em ludo isso.

IMOGÊNIA · Amém; adeus.

(Saem.)

Ato III · Cena V

*Um quarto no palácio de Cimbelino.
Entram Cimbelino, a Rainha, Cloten, Lúcio, nobres e
pessoas do séquito.*

CIMBELINO · Até aqui. Passai bem.

LÚCIO · Muito obrigado,
poderoso senhor. Recebi cartas
do meu imperador; é necessário

partir. Muito me pesa ser forçado
a vos considerar como inimigo
do meu majestoso amo.

CIMBELINO · Nossos súditos,
senhor, jamais suportarão seu jugo.
Se menos ciosos que eles nos mostrássemos
de nossa autonomia, parecêramos,
por força, pouco real.

LÚCIO · Só desejara
que condução por terra me arranjassem
para ir a Milford-Haven. A vós, Rainha,
caibam por sorte todas as venturas.

RAINHA · A vós também.

CIMBELINO · Nomeio-vos, senhores,
para levar a cabo essa incumbência.
Não deveis descurar de coisa alguma.

Nobre Lúcio, até a vista.

LÚCIO · A mão, meu príncipe.

CLOTEN · Dou-vo-la como amigo; de ora em diante,
porém, como inimigo hei de empregá-la.

LÚCIO · Senhor, os fatos é que irão dizer-nos
de quem será a vitória. Passai bem.

CIMBELINO · Antes de haver o digno Lúcio o rio
Severne, atravessado, caros nobres,
permaneci com ele. Mil venturas.

(Saem Lúcio e os nobres.)

RAINHA · Vai de cenho fechado; mas é honroso
que lhe tenhamos sido causa disso.

CLOTEN · Tanto melhor; vossos bretões valentes
isso mesmo queriam.

CIMBELINO · Não faz muito,
ao seu imperador escreveu Lúcio
sobre o que aqui passava. É mais que tempo
de prepararmos nossos fortes carros
de guerra e os cavaleiros. Não demora,
e os exércitos que ele tem na Gália
serão movimentados. Desse ponto
fará guerra à Bretanha.

RAINHA · Não podemos
dormir sobre este caso, sendo urgente
tomarmos decisão rápida e enérgica.

CIMBELINO · Por já termos previsto esse desfecho,
tomamos precauções. Mas onde se acha,
minha gentil Rainha, nossa filha?
Não quis aparecer ante o romano,
nem nos prestou a obrigação diária.
Parece ser composta só de astúcia,
sem noção do dever: é o que notamos.
Ide chamá-la; fomos até agora
em excesso pacientes.

(Sai um dos criados.)

RAINHA · Desde o exílio
de Póstumo tem tido vida à parte.
Para esse mal, senhor, só mesmo o tempo.
Peço, por isso, instante, a Vossa Graça
não ser duro com ela, pois sensível

de tal modo é a censura, que as palavras
a pancada equivalem, sendo golpe
mortal cada pancada.

(Volta o criado.)

CIMBELINO · Então, senhor,
onde está ela? Como justifica
tamanha teimosia?

CRIADO · Desculpai-me,
senhor; o quarto dela está fechado;
não respondem, por mais que aí batamos.

RAINHA · Senhor, ao visitá-lo ultimamente,
apresentou-me escusas pelo modo
retraído da vida que levava.

Seus incômodos, disse-me, a impediam
de este dever cumprir para convosco.

Eu já devera ter-vos dado conta
do que ela me pedira, mas a azáfama
da corte me deixou fraca a memória.

CIMBELINO · Fechado o quarto dela? Ultimamente
ninguém a viu! Prouvera ao céu que seja
falso quanto suspeito.

(Sai.)

RAINHA · Filho, segue-o.

CLOTEN · Há dois dias, também, não tenho visto
Pisânio, o criado dela.

RAINHA · Vai; procura-o.

(Sai Cloten.)

Pisânio, tu, que és tão ligado a Póstumo...
Ele tem minha droga. Só o que peço
é que seja sua ausência motivada
por ter provado dela, pois presume
que se trata de um líquido precioso.
Quanto a ela, onde estará? Talvez se tenha
entregue ao desespero, ou então nas asas
do fervoroso amor terá fugido
para junto do seu querido Póstumo.
Se não estiver morta, está sem honra.
De qualquer jeito, tirarei proveito;
pois, uma vez sem vida, ou, viva e à toa,
dos bretões usarei logo a coroa.

(Volta Cloten.)

Então, meu filho?

CLOTEN · É certo ter fugido.
Ide acalmar o Rei; está furioso;
ninguém ousa acercar-se-lhe.

RAINHA *(à parte)* · Vai tudo
pelo melhor. Quem dera que esta noite
o impedisse de ver o dia próximo!

(Sai.)

CLOTEN · Amo-a e odeio-a, por ser fidalga e bela,
por ser ornada dos mais raros dotes
de uma senhora, das mulheres todas.
De todas ela tem a melhor parte;
desta arte sendo feita, deixa longe
qualquer outra mulher; por isso a adoro.
Porém o desdenhar-me e ao baixo Póstumo
mostrar dedicação, de tal maneira
lhe macula o conceito, que o precioso
que nela se acha acaba asfixiando-se.
Aqui concluo que ódio lhe dedico,
ou melhor, que me quero vingar dela,
pois quando os tolos...

(*Entra Pisânio.*)

Quem vem lá? Que é isso?

Conspiração, velhaco? Aproximai-vos,
precioso alcoviteiro. Vinde, biltre:
para onde foi tua ama? Quero pronta
resposta; do contrário, sem demora
te enviarei para as legiões do inferno.

PISÂNIO · Meu bom senhor!

CLOTEN · Tua ama onde se encontra?

Não torno a perguntar. Velhaco sonso,
solta do coração esse segredo,
ou o coração te parto para achá-lo.

Está ela com Póstumo, de cujo
quintal de grosseria uma só dracma
de valor extrair não é possível?

PISÂNIO · Ah, meu senhor! Como é possível isso?

Quando partiu? Em Roma ele se encontra.

CLOTEN · Senhor, onde está ela? Aproximai-vos.

Basta de hesitações; dize-me logo
para onde foi.

PISÂNIO · Oh muito digno lorde!

CLOTEN · Oh muito digno biltre! Sem demora
revela o paradeiro de tua ama.

Numa palavra. Nada de “milordes”
e “muito digno”. Fala, ou teu silêncio
será já já tua sentença e a morte.

PISÂNIO · Então, senhor, neste papel se encerra
quanto eu sei com respeito à sua fuga.

(*Entrega-lhe uma carta.*)

CLOTEN · Vou vê-la. Hei de segui-la, embora se ache
junto ao trono de Augusto.

PISÂNIO (*à parte*) · Se a não desse,
eu viria a morrer. Bastante longe
a esta hora já se encontra. Da leitura

poderá resultar para ele viagem,
não perigo para ela.

CLOTEN · Hum!

PISÂNIO (*à parte*) · Vou mandar-lhe
notícia de que é morta. Oh Imogênia!

Possas viajar sem risco e voltar breve!

CLOTEN · Esta carta é verídica, velhaco?

PISÂNIO · Penso que sim, senhor.

CLOTEN · Queres servir-me? Uma vez que te apegas
te com paciência e constância à sovada fortuna
do mendigo Póstumo, não poderás deixar de ser,
segundo as regras da gratidão, um diligente seguidor
da minha. Queres servir-me?

PISÂNIO · Quero, sim senhor.

CLOTEN · Dá-me a mão; fica com minha bolsa. Não
terás, acaso, contigo, nenhum fato de teu antigo
patrão?

PISÂNIO · Em meus aposentos, milorde, tendo
precisamente o fato que ele usava, quando se
despediu de minha senhora e ama.

CLOTEN · O primeiro serviço que me vais prestar
consistirá em me trazeres esse fato. Que seja esse teu
primeiro serviço. Vai.

PISÂNIO · Pois não, milorde.

(*Sai.*)

CLOTEN · Encontrar-te em Milford-Haven! —
Esqueci-me de perguntar-lhe uma coisa; mas hei
de lembrar-me logo. — É lá que hei de matar-te,
miserável Póstumo. Desejara que esse fato já
estivesse aqui. Certa vez ela disse — e ainda vomito
do coração o amargor dessas palavras — que tinha
em maior consideração uma roupa de Póstumo do
que a minha nobre e natural pessoal e o adorno de
minhas qualidades. Vou violá-la com aquela roupa.
Primeiro hei de matá-lo à vista dela, para que ela
admire o meu valor; nisso consistirá o castigo do
seu orgulho. Uma vez por terra e concluído o meu
discurso insultuoso sobre o cadáver, e após haver
saciado minha luxúria — o que, como já disse, só
para aborrecê-la porei em prática com as vestes que
ela tanto apreciava — hei de tocá-la a pescoções para
a corte, mandá-la-ei para casa a pontapés. Ela sentia
prazer em zombar de mim; pois eu hei de me alegrar
com a minha vingança.

(*Volta Pisânio com a roupa.*)

É esse o fato?

PISÂNIO · Sim, meu nobre senhor.

CLOTEN · Desde quando ela se encontra em Milford-Haven?

PISÂNIO · Mal poderá ter chegado lá.

CLOTEN · Leva esta roupa para o meu quarto; é o segundo serviço que exijo de ti. O terceiro consistirá em te tornares mudo voluntário no que respeita aos meus intentos. Mostra-te serviçal, que não deixará de ir ao teu encontro a verdadeira recompensa. Minha vingança se encontra presentemente em

Milford; ah! se eu fosse dotado de asas, para ir no encalço dela! Vem e sê-me fiel.

(*Sai.*)

PISÂNIO · Aconselhas-me mal; pois ser-te fiel, com Póstumo é fazer ruim papel. Vai a Milford; porém que não consigas Imogênia prender nessas intrigas. Céu, amparei-a! A pressa deste idiota obstáculos encontre em toda a rota.

(*Sai.*)

Ato III · Cena VI

*País de Gales. Diante da caverna de Belário.
Entra Imogênia, vestida de pajem.*

IMOGÊNIA · Vejo quanto é penosa a vida humana. Estou cansada; nestas duas noites do chão duro fiz cama; adoeceria, se não fosse ter força de vontade, Milford, quando do cimo da montanha Pisânio me mostrava onde te achavas, parecias estar perto da vista. Oh Júpiter, os muros fogem sempre diante dos miseráveis, digo, os muros que de abrigo servissem. Dois mendigos me disseram que errar era impossível o caminho de Milford. Dá-se o caso de mentir gente pobre, conhecendo que há julgamento e pena? Que há de estranho, se os ricos raramente falam certo? Mentir na saciedade é mais mesquinho do que na extrema inópia. A falsidade muito pior é nos reis do que nos pobres. Caro esposo, tu és um desses pérfidos. Quando em ti penso, esqueço-me da fome, embora há pouco eu me encontrasse a ponto de morrer de fraqueza. Mas, que é isto? Vejo um caminho; é algum pouso selvagem. É melhor não bater; falta-me o ousio; mas, antes de a vencer completamente, a fome faz a natureza impor-se por sua valentia. A plenitude e a paz fazem cobardes, sendo sempre geradora do brio a adversidade.

Olá! Há gente aqui? Se for criatura civilizada, fale; se selvagem, é pegar ou largar. Ninguém responde? Então resolvo entrar; mas, antes disso, a espada sacarei. Se o meu imigo sentir medo, como eu, ante uma espada, nem olharia para esta. Dá-me, oh céu, um inimigo assim!

(*Entra na caverna.*)

(*Entram Belário, Guidério e Arvirago.*)

BELÁRIO · Polidoro, provastes ser de todos o mateiro mais hábil; ficais sendo, pois, o senhor da festa. Cadval e eu seremos o criado e o cozinheiro; ficou isto firmado em nosso pacto. Perdido fora todo o esforço, caso carecesse de fim. Nosso apetite fará que bem nos saiba o almoço rude. Ronca o cansaço em cima de uma pedra, enquanto acha a indolência insuportável o melhor travesseiro. Que a paz reine em nossa casa, guarda de si própria.

GUIDÉRIO · Eu, de fadiga me sinto fraco, mas com muita fome.

ARVIRAGO · Temos comida fria na caverna; vamos nos entreter com isso, enquanto preparamos a caça.

BELÁRIO (*olhando para o interior da caverna.*)

Alto! Detende-vos!

Se não o visse a comer do que ali temos, diria que era um elfo.

GUIDÉRIO · Que há, senhor?

BELÁRIO · Por Júpiter, um anjo! Ou, quando nada,

maravilha terrena. Vede: a própria
divindade com traços de um mancebo.

(*Volta Imogênia.*)

IMOGENIA ·

Oh! Não me maltrateis, meus bons senhores.

Chamei antes de entrar e tencionava
comprar quanto tirei, se não mo dêsseis.

Não roubei nada, posso assegurar-vos,
nem jamais o faria, embora houvesse
achado ouro no chão. Dinheiro dou-vos
por quanto consumi, sendo que eu tinha
a intenção de deixá-lo sobre a mesa

depois de satisfeito e retirar-me
rezando pelo bem-estar do dono.

GUIDÉRIO · Dinheiro, jovem?

ARVIRAGO · Possa transformar-se
todo o ouro universal e a prata em lama,
que é quanto valem, salvo para quantos
adoram deuses anjos.

IMOGENIA · Irritei-vos,
vejo-o bem. Mas se a morte ora me derdes
por este feio crime, ficai certos
de que eu teria perecido, caso
não o tivesse feito.

BELÁRIO · E o teu destino?

IMOGENIA ·

Vou para Milford-Haven.

BELÁRIO · Qual teu nome?

IMOGENIA · Fidélido, meu senhor. Tenho um parente
que embarca para a Itália em Milford-Haven.

Ia à sua procura; mas de fome
transpassada, incorri neste delito.

BELÁRIO · Belo mancebo, não nos julgues rústicos
nem meças nossos caracteres pela
rudeza do lugar em que vivemos.

Sê bem-vindo. Não tarda a ficar noite.

Antes de ires terá melhor repasto;
gratos te ficaremos se quiseres
dele participar. Dai-lhe, rapazes,
as boas-vindas.

GUIDÉRIO · Se uma jovem fôsseis,
tudo e tudo eu faria porque noivos
pudêssemos ficar. Sinceramente,

se fosse vos comprar, fora esse o preço.

ARVIRAGO · O ser ele homem me deixou contente;
como a irmão hei de amá-lo; seja vosso
o acolhimento que eu daria aquele,
depois de longa ausência. Sois bem-vindo;
alegrai-vos; caístes entre amigos.

IMOGENIA ·

Entre amigos. (*À parte.*) Irmãos? Quem dera, mesmo,
que fôssemos irmãos e um pai tivêssemos.
Baixaria meu preço e eu pesaria
como tu, caro Póstumo.

BELÁRIO · Decerto

domina-o qualquer dor.

GUIDÉRIO · Se eu lhe pudesse
ministrar lenitivo!

ARVIRAGO · Ou eu, embora
corresse riscos ou canseiras. Deuses!

BELÁRIO · Rapazes, escutai.

(*Fala-lhes ao ouvido.*)

IMOGENIA · Os poderosos

que morassem em cortes não maiores
do que esta gruta rude e se servissem
por suas próprias mãos, em tudo guiados
pela consciência, sem ouvidos darem
à voz da multidão sempre volúvel,
não venceriam estes dois meninos.

Deuses, perdoai-me, por eu ter mudado
de sexo, para ser-lhes companheiro,
já que Leonato é infiel.

BELÁRIO · Será assim mesmo.

Rapazes, preparemos nossa caça.
Entrai, formoso jovem; não falamos
alegres em jejum. Depois da sopa,
com toda a discrição desejaremos
saber de tua vida o que julgares
conveniente contar-nos.

GUIDÉRIO · Por obséquio,
passai na frente.

ARVIRAGO · Não é tão bem-vindo
o dia à cotovia e a noite ao bufo.

IMOGENIA · Obrigado, senhor.

ARVIRAGO · Entrai primeiro.

(*Saem.*)

Ato III • Cena VII

Roma. Uma praça pública.

Entram dois senadores e tribunos.

PRIMEIRO SENADOR •

É este o teor do imperial edito:
uma vez que os comuns em guerra se acham
contra os panônios e os dalmácios, sendo
por demais fracas as legiões da Gália
para os bretões se oporem, revoltados
recentemente, é força que a nobreza
seja empregada nisso. Foi nomeado
Lúcio procônsul. Quanto a vós, tribunos,
plenos poderes vos delega, para
fazerdes essa leva. Viva César!

PRIMEIRO TRIBUNO •

É Lúcio general das nossas forças?

SEGUNDO SENADOR •

Justamente.

PRIMEIRO TRIBUNO • E na Gália ora se encontra?

PRIMEIRO SENADOR •

Com as legiões de que vos dei notícia,
que deverão ser completadas pelas
tropas ao vosso encargo. O real edito
especifica, ainda, o tempo certo
para vosso despacho e os efetivos
que tereis de arranjar entre a nobreza.

PRIMEIRO TRIBUNO •

Nosso dever será cumprido à risca.

(Saem.)

Ato IV • Cena I

País de Gales. A floresta próxima da caverna de Belário.

Entra Cloten.

CLOTEN • Já estou perto do ponto em que eles
se deviam encontrar, se Pisânio foi veraz em suas
indicações. Como se ajeita bem em mim a roupa dele!
Por que motivo não se me ajeita do mesmo modo a
sua amada, que foi feita por quem fez o seu alfaiate?
Tanto mais que se costuma dizer — com licença
da expressão — que a mulher se ajeita com quem
sabe o jeito de apanhá-las. Vou pôr-me em campo.
Devo confessar a mim próprio — sim, porque não
constitui fatuidade conversarmos com o espelho,
quando estamos sozinhos no quarto — que tenho
as linhas do corpo tão bem traçadas quanto as dele;
sou moço quanto ele, mais vigoroso e não menos
afortunado; ultrapasso-o no que respeita aos dotes

da natureza, sou de nascimento superior, igualmente
capaz nos serviços da guerra e mais distinguido, até,
no combate singular. No entanto aquela cabeçuda lhe
dá a preferência. Que é a vida? Dentro de uma hora,
Póstumo rolará por terra a cabeça que tens sobre os
ombros, a tua amada será violada e tuas vestes serão
rasgadas diante de teus próprios olhos. Feito isso,
toco-a a pontapés para casa do pai, que não deixará
de se mostrar agastado com o meu procedimento
um tanto rude. Mas minha mãe sabe o jeito de
contornar as suas rabugices e acabará acomodando
as coisas. Deixei o cavalo em lugar seguro. Vem
para fora, espada! Chegou a hora do trabalho cruel.
Fortuna, faze que eles me venham ter às mãos! É este,
precisamente, o lugar combinado para o encontro;
aquele tipo não ousaria dar-me informações menos
verdadeiras. *(Sai.)*

Ato IV • Cena II

Diante da caverna de Belário.

Saem da caverna Belário, Guidério, Arvirago e Imogênia.

BELÁRIO *(a Imogênia)* •

Se não vos sentis bem, ficai em casa;
depois da caça voltaremos todos.

ARVIRAGO *(a Imogênia)* •

Irmão, ficai. Acaso irmãos não somos?

IMOGÊNIA • Todos os homens, digo-o sem maldade;
mas a argila difere em dignidade:

muito embora de poeira sejam todos.

Sinto-me muito doente.

GUIDÉRIO · Ide caçar,
que eu ficarei em companhia dele.

IMOGÊNIA · Não, não estou tão doente, embora sinta
certa indisposição; mas não sou desses
cidadãos tão mimosos que se julgam
mortos, ou quase, antes de estarem doentes.
Fazei vosso passeio costumeiro;
um hábito alterar, é alterar tudo.
Estou doente, é certo; mas de nada
me servirá ficardes; de consolo
não serve a companhia de outros homens,
quando se é insociável. Muito doente
não me encontro, pois posso falar nisso.
Deixai-me aqui ficar. Se eu roubar algo,
só será a mim mesma, e caso eu venha
a morrer, não se perde grande coisa.

GUIDÉRIO · Já declarei que te amo e ora acrescento
que esse meu sentimento é tão profundo
quanto ao que ao pai dedico.

BELÁRIO · Como! Como!

ARVIRAGO · Se for pecado assim falar, senhor,
à pena me submeto do pecado
do meu bondoso irmão. Ignoro a causa
por que ele ama este jovem. Mas recordo-me
de vos ouvir dizer algumas vezes
que os motivos do amor não têm motivo.
Ponde um esquiife à porta e perguntai-me
quem deverá morrer, que eu vos respondo:
“Meu pai, não este moço”.

BELÁRIO (*à parte*) · Oh nobre rasgo!
Oh natureza digna! Insigne raça!
Os covardes descendem de covardes;
a seres vis só seres vis engendram;
farinha e palha tem a natureza,
a rude contumácia e a singeleza.
Pai deles eu não sou; mas não concebo
que tenham mais amor a este mancebo.
Já são nove horas.

ARVIRAGO · Caro irmão, adeus.

IMOGÊNIA · Boa sorte na caça.

ARVIRAGO · A vós, saúde.
Senhor, estamos prontos.

IMOGÊNIA (*à parte*) · Que criaturas
amáveis! Deuses, que de falsidades
me contaram! Diziam-me na corte
que, fora dela, tudo era selvagem.
Experiência, outro quadro nos revela.

Os mares imperiais geram só monstros;
seus pobres tributários, no entretanto,
para a mesa fornecem gratos peixes.
Ainda me sinto doente; sofro aperto
no coração. Pisânio, eis o momento
de provar teu remédio.

(*Toma um gole do remédio.*)

GUIDÉRIO · Pouca coisa
me disse a seu respeito: que era nobre,
mas infeliz; com desonestidade
perseguido, contudo honesto e sério.

ARVIRAGO · A mim também falou dessa maneira,
acrescentando que com o tempo havia
de me contar mais coisas.

BELÁRIO · Para a caça!
Para a floresta! (*A Imogênia.*) Por alguns momentos
vos deixaremos só. Ide deitar-vos.

ARVIRAGO · Não adoeçais; sereis nosso intendente.

IMOGÊNIA · Doente ou bom, a vós me sinto preso.

BELÁRIO · E assim ficareis sempre.

(*Sai Imogênia.*)

Esse mancebo,

conquanto sofra muito, inculca nobres
antepassados.

ARVIRAGO · Canta como um anjo!
GUIDÉRIO · Como cozinha bem! Corta as raízes
em feitio de letras. Suas sopas
fazem pensar que Juno esteja doente
e ele seja o enfermeiro.

ARVIRAGO · Com que graça
um sorriso combina com um suspiro,
como se este assim fosse, simplesmente
por não ser tal sorriso, ao mesmo tempo
que zomba do suspiro aquele riso,
por escapar de um templo tão divino,
para se misturar com os ventos bravos
que aos marujos insultam.

GUIDÉRIO · Noto nele
sofrimento e paciência, com raízes
muito fundas e fibras enlaçadas.
Paciência, cresce, para que o nojento
sabugueiro, o sofrer, sem vida seja
e a vida aumente à vinha benfazeja.

BELÁRIO · O dia avança. Vamos. Quem é esse?

(*Entra Cloten.*)

CLOTEN · Não acho aqueles vagabundos. Certo
zombou de mim o biltre. Estou sem forças.

BELÁRIO · “Aqueles vagabundos!” Por acaso não se refere a nós? Conheça-o; é Cloten, o filho da Rainha. Temo alguma cilada. Há muitos anos que o não vejo, mas sei que é ele mesmo. Estamos sendo perseguidos. Partamos.

GUIDÉRIO · Está só.

Vós e o mano ide ver se traz mais gente.

Deixai-me só com ele, por obséquio.

(*Saem Belário e Arvirago.*)

CLOTEN · Parai! Quem sois, para de mim fugirdes?

Certamente velhacos montanheses.

Já ouvi falar de vós. Que escravo és tu?

GUIDÉRIO · Nunca fui tão escravo como agora, quando ao “escravo” sem bater respondo.

CLOTEN · És um ladrão, um desertor, um biltre.

Entrega-te, vilão.

GUIDÉRIO · Eu, entregar-me?

A quem? A ti? Quem és? Braços não tenho

tão longos quanto os teus? Coração forte?

Concedo que tens boca mais valente,

porque na língua a espada não conduz.

Quem és, para mandares que eu me renda?

CLOTEN · Biltre, não me conhece pela roupa?

GUIDÉRIO · Nem o alfaiate, teu avô, idiota,

que te fez essa roupa e, a qual, parece,

por seu turno te fez.

CLOTEN · Não, não foi feita

pelo meu alfaiate, impertinente

lacaio.

GUIDÉRIO · Então despacha-te, e agradece

a quem te presenteou. És um cretino;

repugna-me bater-te.

CLOTEN · Sem-vergonha,

bandoleiro, meu nome escuta e treme.

GUIDÉRIO · Como te chamas?

CLOTEN · Cloten, coisa à-toa.

GUIDÉRIO · Seja Cloten teu nome, vilão duplo,

que não me faz tremer. Serpente, Sapo

ou Víbora, talvez me abalariam.

CLOTEN · Para que maior medo a sentir venhas

e a confusão te aumente, sabe agora

que eu nasci da Rainha.

GUIDÉRIO · Muita pena

me causa essa notícia; não pareces

da altura do teu leito.

CLOTEN · Não tens medo?

GUIDÉRIO · Medo me inspira o que eu respeito: o sábio.

Dos tolos não receio; deles rio-me.

CLOTEN ·

Recebe a morte. Quando eu te houver morto

por minhas próprias mãos, irei no encaço

dos que fugiram, para que as cabeças

sobre as portas de Lud vos pendure.

Selvagem montanhês, rende-te logo.

(*Saem combatendo.*)

(*Voltam Belário e Arvirago.*)

BELÁRIO · Não há ninguém por perto.

ARVIRAGO ·

Nem viva alma;

houve engano, senhor.

BELÁRIO · Não sei dizê-la.

Há muito que o não via; mas o tempo

não lhe atenuou os traços fisionômicos.

Essa maneira de falar aos socos,

por explosões... A voz era de Cloten.

Tenho certeza: era ele.

ARVIRAGO · Aqui o deixamos.

Tenho esperanças de que o mano lhe haja

dado um bom corretivo, pois dissestes

que ele é um mau sujeito.

BELÁRIO · Quando ainda

homem feito não era, não mostrava

do rugir do terror nenhum receio.

A carência de juízo, muitas vezes,

gera valentes. Teu irmão vem vindo.

(*Volta Guidério, com a cabeça de Cloten.*)

GUIDÉRIO · Grande tolo esse Cloten, uma bolsa

vazia e sem dinheiro. Nem mesmo Hércules

conseguiria lhe arrancar o cérebro,

que era o que ele não tinha. Se eu deixasse

de fazer o que fiz, traria o biltre

minha cabeça como trago a dele

neste momento.

BELÁRIO · Que fizeste?

GUIDÉRIO · Sei

muito bem o que fiz: era um tal Cloten,

nascido da Rainha, a darmos crédito

às suas próprias palavras. Insultou-me

de traidor, montanhês, tendo jurado

tirar-nos as cabeças de onde — graças

sejam dadas aos deuses! — elas se acham,

e levá-las a Lud.

BELÁRIO · Estamos mortos.

GUIDÉRIO · Que temos a perder, meu digno pai,

afora o que ele ameaçou tomar-nos:

nossas vidas? A lei não nos ampara.

Por que, então, consentir que nos insulte um pedaço de carne tão grosseira que o papel se arrogava, ao mesmo tempo, de juiz e de carrasco? Por termos a lei? Alguém foi visto aqui por perto?

BELÁRIO · Nem viva alma se pode ver em torno; mas o bom raciocínio indica que ele não deve estar sozinho. Muito embora fosse de humor variável, só passando de uma ação má para outra mais grosseira, acreditar não posso que a loucura absoluta, a estultícia que lhe é própria o houvesse feito delirar a ponto de chegar até aqui sem uma escolta. É possível, no entanto, que a notícia chegasse à corte de que nós vivíamos nesta caverna, como caçadores anteriormente livres, sendo muito de temer que com o tempo encabecemos qualquer revolta séria. Tendo ouvido Cloten essa notícia, partiu logo — é muito dele o gesto — prometendo-se que nos apanharia. Mas não creio que tenha vindo só; nem o ousaria, nem os seus o teriam permitido. É bem fundamentado o nosso medo de que este corpo tenha mais temível cauda do que cabeça.

ARVIRAGO · Que disponham os deuses o que for do agrado deles. Venha o que vier, o mano agiu direito.

BELÁRIO · Não tenho hoje vontade de ir à caça; a doença de Fidélio me faria muito longo o caminho.

GUIDÉRIO · Com a espada com que ele pretendia degolar-me, privei-o da cabeça. Vou jogá-la na torrente que passa atrás da rocha; vá para o mar e conte aos peixes que ele era Cloten, o filho da Rainha. Não me faz mozza alguma.

BELÁRIO · Tenho muito receio de que o vinguem. Desejara, Polidoro, que houvesse procedido por outro modo, muito embora te orne tanto brio nativo.

ARVIRAGO · Quem me dera ter feito aquilo! Assim, alvo tornara-me único da vingança. Polidoro, amo-te como irmão, mas te censuro por me teres privado deste feito.

Desejo agora que a buscar nos venha quando se opor costuma à força humana, para nos obrigar a uma resposta.

BELÁRIO · Bem; já está feito. A caça de hoje, foi-se.

Volta para a caverna; juntamente com Fidélio farás de cozinheiro.

À espera ficarei de Polidoro, daquele arrebatado, para cearmos.

ARVIRAGO · Pobre Fidélio! Muito de boamente vou procurá-lo. Para lhe dar cores faria correr sangue de uma aldeia composta só de Clotens, sem poupar-me elogios por tanta caridade.

(*Sai.*)

BELÁRIO · Oh natureza divinal! Oh deusa! Como tu própria te revelas grande nestes dois jovens príncipes! São brandos como Zéfiro, quando, de mansinho, passa pelas violetas, sem que a meiga corola lhes agite; mas tão áspero, se o sangue real revoltado se lhes torna, como o vento raivoso que segura pela copa o pinheiro das montanhas e a dobra para o vale. É prodigioso que um instinto invisível os dotasse de realza espontânea, sem cultivo, de honra não ensinada, de civismo não imitado de ninguém, bravura que neles cresce sem nenhum amanho, mas dá colheita como se tivesse sido semeada a tempo. Mas é estranho que Cloten tenha aparecido. Ignoro a razão de sua vinda e o que sua morte poderá nos causar.

(*Volta Guidério.*)

GUIDÉRIO · Onde está o mano? Enviei de embaixador à mãe de Cloten, rio abaixo, a cabeça desse alarve. Como penhor da volta o corpo fica.

(*Ouve-se música solene.*)

BELÁRIO · O instrumento engenhoso! Está soando,

Polidoro! Atenção! Mas que motivo
teve Cadval para tocá-lo agora?

GUIDÉRIO · Ele foi para casa?

BELÁRIO · Neste instante.

GUIDÉRIO · Que será? Desde a morte de mãezinha
não voltou a soar. Ações solenes
coisas solenes por igual inculcam.
Triunfo por nada e choro feminino
riso é de mono e pena de menino.
Cadval estará louco?

(Volta Arvirago, carregando Imogênia, como morta.)

BELÁRIO · Ei-lo que chega,
nos braços carregando a triste causa
da censura infundada.

ARVIRAGO · Morto encontra-se
o passarinho que nós tanto amávamos!

Preferia saltar de dezesseis
anos para sessenta e a agilidade
barganhar por muletas a ver isto.

GUIDÉRIO · Oh meigo e lindo lírio! Carregado
pelo mano não és metade belo
do que eras quando andavas por ti próprio.

BELÁRIO · Melancolia, quem sondar te pode,
tocar no lodo e te mostrar a margem
em que tua barquinha preguiçosa
fácil fora ancorar? Oh ser bendito!

Júpiter sabe que homem tu darias.
Mas eu sei bem, criança incomparável,
que morreste de dor. Como o encontraste?

ARVIRAGO · Rígido, como vedes, com um sorriso
como se houvesse sido pelo dardo
de um mosquito afagado, não da morte,
no travesseiro reclinada a face.

GUIDÉRIO · Onde?

ARVIRAGO · No chão; os braços entrançados
deste modo. Julguei, primeiramente,
que estivesse a dormir; tirei, por isso,
os sapatos de sola cravejada,
que os passos me deixaram muito rudes.

GUIDÉRIO · Mas ele dorme, simplesmente. Caso
tenha morrido, vai servir-lhe o túmulo
de leito freqüentado só por fadas.

Perto de ti não chegarão os vermes.

ARVIRAGO · Enquanto for outono e eu tiver vida,
caro Fidélio, a triste sepultura
te enfeitarei com as flores mais graciosas.
Jamais te faltarão pálidas prímulas,

que tuas faces lembram, nem jacintos
azulados, da cor que tens nas veias,
nem pétalas de rosas que em perfume
o hálito não te vencem, seja dito
sem ofensa. Com brio caridoso
te trará isso tudo o pintarroxo,
para maior vergonha dos herdeiros
tornados opulentos de repente
que os pais deixam jazer sem monumento.
Depois, quando a estação passar das flores,
no inverno, o musgo o corpo há de enfeitar-te.

GUIDÉRIO · É o bastante; não jogues com palavras
de mulher em assunto de tal monta.
Tratemos de inumá-lo, sem que nossa
admiração retarde o pagamento
de nossa justa dívida.

ARVIRAGO · E onde havemos
de dar-lhe sepultura?

GUIDÉRIO · Ao lado, é claro,
de nossa mãe, de nossa boa Eurífile.

ARVIRAGO · Que seja assim. E agora, Polidoro,
conquanto nossa voz tenha adquirido
tonalidade grave, o canto fúnebre
teremos de cantar como o fizemos
quando enterramos nossa mãe saudosa.
Serão as mesmas notas; as palavras
não mudarão, também, com a diferença
de dizermos Fidélio em vez de Eurífile.

GUIDÉRIO · Cadval, cantar não posso; choraria,
se quisesse seguir-te nesse empenho,
e nêias desentoadas são piores
do que sermão de padre mentiroso.

ARVIRAGO · Então recitaremos.

BELÁRIO · A tristeza
maior cura a menor, pois esquecemos
Cloten quase de todo. Por mãe tinha,
filhos, uma Rainha, e muito embora
tivesse vindo aqui como inimigo,
não deves esquecer que foi punido.

Conquanto os poderosos e os pequenos,
depois de mortos, formem igual poeira,
faz distinção entre os degraus da escada.
Nosso imigo era nobre; e embora o houvésseis
privado da existência como imigo,
como príncipe agora o sepultemos.

GUIDÉRIO · Trazei-o, por obséquio; vale tanto
quanto o de Ajaz o corpo de Tersites,

depois de mortos ambos.

ARVIRAGO · Se quiserdes
ir buscá-lo, diremos nesse espaço
de tempo nosso canto. Principia.

(*Sai Belário.*)

GUIDÉRIO · Ainda não, Cadval. É necessário
pormos-lhe o rosto para o lado de este.
Meu pai tem seus motivos.

ARVIRAGO · É verdade.

GUIDÉRIO · Vem ajudar-me, então.

ARVIRAGO · Bem; principia.

GUIDÉRIO · Não temas o sol ardente
nem o inverno enregelado;
Já descansas sorridente
depois de cumprido o fado.

O velho, a moça fagueira,
o vilanaz, tudo é poeira.

ARVIRAGO · Não temas os poderosos,
a vingança dos tiranos;
livre estás dos dolorosos
apetites dos humanos.

Os ricos, a ciência inteira,
bons e os maus, tudo é poeira.

GUIDÉRIO · Do raio não tenhas medo,

ARVIRAGO · nem do trovão ribombante,

GUIDÉRIO · o amigo não temas tredo,

ARVIRAGO · nem o inimigo arrogante.

AMBOS · Moços e velhos, em feira,
sempre terminam em poeira.

GUIDÉRIO · Nenhum encanto te ofenda

ARVIRAGO · de algum mago ou bruxa horrenda.

GUIDÉRIO · Que espectro nenhum se prenda

ARVIRAGO · a essa tua eterna tenda.

AMBOS · Que nome tenhas eterno
em teu leito sempiterno.

(*Entra Belário, com o corpo de Cloten.*)

GUIDÉRIO · Fizemos as exéquias; sepultemos
agora o corpo.

BELÁRIO · Temos poucas flores;
à meia-noite lhe traremos outras.

Os naturais enfeites dos sepulcros
são as plantas banhadas pelo orvalho
refrescante da noite. Sobre o rosto,
fostes quais flores, ora emurchecidas.

Do mesmo modo murcharão as flores
que sobre vós depomos. Afastemo-nos
algum tanto e ponhamo-nos de joelhos.
Tendo voltado para a terra fria,

livres estão da dor e da alegria.

(*Saem Belário, Guidério e Arvirago.*)

IMOGÊNIA (*despertando.*) ·

Pois não, senhor: é para Milford-Haven.

Qual o caminho? Além daquele bosque?

A que distância fica? Oh Deus do céu!

Ainda faltam seis milhas? Estou lassa;

andei a noite toda. Vou deitar-me,
para dormir um pouco. (*Vê o corpo de Cloten.*)

Mas, cuidado!

Nada de companhia. Deuses grandes!

São estas flores como as alegrias
do mundo transitório; seus cuidados,
este corpo sangrento. Só parece
que ainda estou a sonhar. Pensei que eu era
guarda de uma caverna e que servia
de cozinheiro para gente boa.

Mas não é isso; trata-se de um tiro
que de fumo no cérebro se forma,
disparado do nada para o nada.

Algumas vezes ficam-nos os olhos
tão cegos quanto o juízo. Ainda tremo
de medo. Se ainda houver uma gotinha
de piedade no céu, tão pequenina

como olho de carriça, concedei-me,
deuses terríveis, uma parte ao menos!

Prossegue o sonho; embora eu já não durma,
fora e dentro de mim ele se encontra.

Não é pensado: sinto-o. Um corpo de homem!

As mãos são dele; as pernas, reconheço-as;
pés de Mercúrio; eram de Marte as coxas,
de Hércules tinha os músculos... E o rosto

de Jove, onde se encontra? Falta. Como!

Há assassínios no céu? Pisânio, todas
as maldições que aos gregos lançou Hécuba,
acrescidas das minhas, em ti lanço.

Conspiraste com Cloten, o demônio
licencioso; mataste meu marido.

Saber ler e escrever, de agora em diante
será considerado alta traição.

Com cartas falsas o infernal Pisânio...

Fez vir abaixo esse infernal Pisânio
o mastro principal do mais galante
navio que existia. Oh dor! Oh Póstumo,
que é de tua cabeça? Onde se encontra?

O coração Pisânio poderia
haver-te atravessado, sem tirar-te
dos ombros a cabeça. É então possível?

Pisânio! Cloten e ele. Associaram-se a maldade e a cobiça neste crime. É claro, é mais que claro; aquela droga que ele me deu como cordial precioso, não se me revelou como assassina dos sentidos do corpo? Está provado: Pisânio e Cloten realizaram isto.

Oh! Com teu sangue as faces me colora, para que mais terríveis nos mostremos a quem nos encontrar. Esposo! Esposo!

(Cai sobre o cadáver.)

(Entram Lúcio, um capitão, outros oficiais e um adivinho.)

CAPITÃO · Segundo vossas ordens, já fizeram a travessia as legiões da Gália, e aqui em Milford-Haven vos aguardam com seus navios. Todos estão prontos.

LÚCIO · E de Roma, há notícias?

CAPITÃO · Os fidalgos

da Itália e os moradores da fronteira já o senado abalou, almas dispostas para serviços do mais nobre cunho.

O valoroso Iachimo é o comandante.

LÚCIO · E quando os esperais?

CAPITÃO · Logo que os ventos o permitirem.

LÚCIO · Semelhante pressa nos enche de esperanças. Cuidai logo de passar em revista nossas tropas, ficando aos capitães esse trabalho.

E agora, que sonhaste quanto à guerra?

ADIVINHO ·

Na última noite os deuses me mostraram uma visão — jejuara e lhes pedira que em meu auxílio viessem. — Deste modo: a ave de Jove eu vi, a águia romana, que do sul esponjoso o vôo alçara para esta parte do oeste, onde nos raios do sol desapareceu, presságio certo, se os meus pecados não me prejudicam na arte de adivinhar, de êxito pleno para as hostes de Roma.

LÚCIO · Sonha sempre desse modo, sem nunca te enganares.

Mas, devagar! Um tronco sem a copa?

A ruína inculca construção notável.

E ao lado um pajem! Está morto ou dorme?

Morto, decerto, pois à natureza repugna a cama ter sobre um cadáver, ou dormir junto a um morto. Mas vejamos as feições do menino.

CAPITÃO · Está com vida, milorde.

LÚCIO · Nesse caso, ele vai dar-nos informações do morto. Jovem, conta-nos tuas vicissitudes, pois parecem dignas de as conhecermos. Que homem é este de quem fizeste rubro travesseiro?

Quem foi que deformou tão belo quadro, ao contrário da nobre natureza?

Neste triste naufrágio, que perdeste?

Que aconteceu? Quem és? Como te chamas?

IMOGÊNIA ·

Não sou nada, ou, melhor, se alguma coisa, antes nada ter sido. Foi meu amo este bretão valente e generoso.

Deixaram-no sem vida os montanheses.

Ai de mim! Já não há amos como ele.

Posso correr de leste para o poente, pedir serviço, trabalhar com muitos patrões, de boa qualidade todos, servir a todos bem, sem que consiga achar quem se lhe iguale.

LÚCIO · Pobre moço; menos não me abalaste com essas queixas do que o aspecto sangrento de teu amo. Dize-nos o seu nome, caro amigo.

IMOGÊNIA ·

Richard du Champ. *(À parte.)* Se minto sem prejuízo de ninguém, muito embora os deuses me ouçam, creio que me perdoam. Que dissestes?

LÚCIO · Teu nome?

IMOGÊNIA · Sou Fidélio.

LÚCIO · É o que revelas ser em tua conduta. Em tudo o nome vai com tua lealdade e esta com o nome.

Queres tentar a sorte em meu serviço?

Não direi que acharás tão bondoso amo, mas é certeza seres estimado

tanto quanto por ele. Nem com carta do imperador romano, que me fosse por um cônsul enviada, poderias recomendar-te como o faz teu mérito.

Vem comigo.

IMOGÊNIA · Irei, senhor. Primeiro, porém, sendo isso grato aos deuses do alto, quero a salvo das moscas pôr meu amo, quanto com estes pobres instrumentos possível for cavar; e após o túmulo ter coberto com folhas e ramagens e um cento de orações ter pronunciado, como as sei, repetindo-as de começo, com suspiros e lágrimas, desligo-me do seu serviço para entrar no vosso, se aceitar me quiserdes.

LÚCIO · Quero, jovem.

Mais do que amo, ser-te-ei pai extremoso. Caros amigos, este menino acaba de mostrar-nos nossos deveres de homens. Escolhamos um lugar em que houver mais margaridas para, com nossos chuços e alabardas, cavarmos uma cova. Carregai-o. Por tua causa, jovem, ele goza de conceito elevado, merecendo exéquias de soldado. Fica alegre. Enxuga as lágrimas. Algumas vezes, subimos mais, após alguns reveses.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena III

Um quarto no palácio de Címbelino.

Entram Címbelino, nobres, Pisânio e gente do séquito.

CÍMBELINO · De novo ide buscar notícias dela.

(*Sai uma pessoa do séquito.*)

Febre por se encontrar ausente o filho...

Uma loucura que lhe ameaça a vida...

Oh céus! Quão fundamente me atingistes!

Minha alegria máxima, Imogênia, desapareceu, presa está a Rainha

no seu leito de morte, e isso num tempo em que medonhas guerras me assoberbam!

Sumiu o filho dela, que me fora

tão útil neste aperto! Golpes duros, que me fazem perder toda a esperança.

E tu aí, que sabes o motivo

do desaparecimento de Imogênia,

e finges não sabê-lo, meio havemos

de achar para obrigar-te a contar tudo.

PISÂNIO · Minha vida, senhor, a vós pertence; humildemente, aos pés vo-la deponho.

Porém quanto à minha ama, o paradeiro dela ignoro, o motivo da partida,

e quando voltará. Vossa Grandeza

pode confiar, que eu sou vosso leal servo.

PRIMEIRO NOBRE ·

Meu bom senhor, Pisânio aqui se achava no dia em que se deu por falta dela.

Atrevo-me a afirmar que ele é sincero e que lealmente há de portar-se, como

a um súdito compete. Quanto a Cloten, tem sido procurado com afinco, sendo certo que achado há de ser logo.

CÍMBELINO · A época é de incerteza. Por um tempo ficareis solto, mas sem vos livrardes de nossa desconfiança.

PRIMEIRO NOBRE · Se o permite Vossa Grandeza, as legiões romanas que se achavam na Gália, em vossas praias acabam de saltar. Manda o senado, de reforço, romanos gentis-homens.

CÍMBELINO · A opinião de meu filho e da Rainha! Com tanta coisa, sinto-me atordoado.

PRIMEIRO NOBRE · Vossos preparativos, majestade, devem se regular pelas notícias que tiverdes do imigo. Se aumentarem de número, igualmente estareis pronto na mesma proporção. Ora o que importa somente é pôr em campo nossas forças, que por partir anseiam.

CÍMBELINO · Obrigado.

Entremos, pois; urge enfrentar o tempo como ele nos procura. Não receamos o que nos vem da Itália. Só nos pesam nossos próprios cuidados. Vamos logo!

(*Saem todos, com exceção de Pisânio.*)

PISÂNIO · Não recebi notícias de meu amo desde que lhe escrevi que ela morrera.

É estranho. De Imogênia também faltam notícias, apesar de me haver ela

prometido escrever-me com frequência.
Do mesmo modo ignoro o que foi feito
de Cloten. Isso tudo me conturba.
O céu dará remédio. Honesto fico,
mostrando-me desleal; sou fiel mentindo.

Vou provar nesta guerra o amor estreme
que à minha pátria voto, de maneira
que o próprio Rei o note... ou perco a vida.
O tempo há de acertar o que está torto;
sem leme, o barco às vezes volta ao porto.

(*Sai.*)

Ato IV • Cena IV

*País de Gales. Diante da caverna de Belário.
Entram Belário, Guidério e Arvirago.*

GUIDÉRIO • É geral o barulho que nos cerca.

BELÁRIO • Evitemo-lo, então.

ARVIRAGO • Qual a vantagem,
senhor, de estarmos vivos, se de todas
as ações nos furtamos e dos riscos?

GUIDÉRIO • Mais: que esperanças nos virá do fato
de assim nos escondermos? Ou seremos
mortos, como bretões, pelos romanos,
ou tomados por estes como bárbaros
e ingratos desertores e, igualmente,
mortos quando não mais lhes formos úteis.

BELÁRIO • Vamos para a montanha, filhos, onde
ficaremos seguros. Para o lado
do Rei não há de passarmos; a notícia
do trespasse de Cloten — já que estranhos
somos de todo e não nos encontramos
alistados no povo — pode, acaso,
dar azo a inquirições sobre a maneira
por que temos vivido e em que paragens,
resultando do que lhes respondermos
a morte prolongada por torturas.

GUIDÉRIO • Senhor, esses escrúpulos, num tempo
como o que atravessamos, não vos ornem
nem nos deixam contentes.

ARVIRAGO • Não é crível
que os bretões, quando ouvirem o nitrido
dos cavalos romanos e avistarem
o acampamento imigo com seus fogos,
com os ouvidos e os olhos ocupados
por notícias de monta, tenham tempo
para se preocuparem com perguntas
sobre quem somos e o lugar de origem.

BELÁRIO • Mas nas fileiras muitos me conhecem.
Os anos, como vistes, da memória

não me apagaram Cloten, por mais moço
que ele fosse no tempo em que eu servia.
Além do mais, o Rei não nos merece
nada: nem vosso amor, nem meus serviços.
Com meu exílio fostes defraudados
da educação precisa, só vos tendo
cabido esta aspereza em que vivemos,
para serdes queimados nos estios
calorosos e como escravos trêmulos
vos mostrardes no inverno.

GUIDÉRIO • Melhor fora
do que essa vida a morte. Por obséquio,
senhor, para as fileiras. Eu e o mano
não somos conhecidos, e a tal ponto
vos achais transformado e inteiramente
fora do pensamento deles todos,
que ninguém vos irá fazer perguntas.

ARVIRAGO • Por esta luz do sol, vou procurá-los.
Como se dá que eu nunca tenha visto
morrer um homem, nem correr o sangue
senão de caça, de covardes lebres
e de bodes ardentes? Que não tenha
montado num cavalo, senão uma
vez simplesmente, quando o cavaleiro,
como eu, não tinha espora nem roseta?
Envergonha-me olhar o sol sagrado,
gozar do benefício de seus raios
abençoados e, assim, por tanto tempo,
sem nome continuar, desconhecido.

GUIDÉRIO • Pelo céu, lutarei. Se me quiserdes
dar permissão, senhor, e vossa bênção,
farei quanto puder. Caso contrário,
o risco procurado em mim recaia,
pela mão dos romanos.

ARVIRAGO • Digo amém.

BELÁRIO • Já que em tão pouco avaliais a vida,
razão não vejo para ter cuidados

excessivos com a minha tão precária
decrepitude. Irei convosco, jovens.
Se acontecer cairdes na defesa
de vossa pátria, que eu também repouse

nesse leito de morte. Avante! Avante!
(*À parte.*) O sangue real dos dois correr deseja,
para a origem provar nesta peleja.

(*Saem.*)

Ato V • Cena I

*Bretanha. O acampamento romano.
Entra Póstumo, com um lenço ensangüentado.*

PÓSTUMO • Sim, pano ensangüentado, vou guardar-te
porque eu te quis corado desse modo.
Se vós, homens casados, procedêsseis
da mesma forma, quantos matariam,
por pequenos deslizes, as esposas
mais virtuosas do que eles! Oh Pisânio!
Um bom criado não faz tudo o que o amo
lhe manda executar, senão somente
quanto for de justiça. Deuses! Caso
tivésseis castigado meus pecados,
eu não teria tido vida para
chegar a fazer isto; salvaríeis,
desse modo, Imogênia, dando-lhe azo
para se arrepender, e o peso inteiro
de vossa pena justa em mim cairia.
Mas por amor arrebatais do mundo
quem de pequenas faltas é passivo,
porque a cair não venha ainda mais fundo.
Permitis que outros acumulem crimes
sobre crimes, cada um mais condenável,
porque, atemorizados, se convertam.

Agora tendes Imogênia; faça-se
como o determinastes, e que eu possa,
pela obediência, vir a encontrar graça.
Ao lado de fidalgos italianos
vim combater o reino de Imogênia.
Oh Bretanha! Muito é ter eu matado
tua Rainha. Golpe mais pungente
jamais te assentarei. Ouvi, portanto,
céu bondoso, paciente o meu propósito:
tirarei estas vestes italianas
e como camponês bretão me visto.
Desta arte lutarei contra o partido
que para aqui me trouxe. Quero a morte,
Imogênia, encontrar por tua causa,
já que em cada suspiro a vida perco.
Desconhecido, assim, não despertando
ódio nem compaixão, vou, resolutos,
defrontar o perigo. Possam todos
em mim reconhecer mais valentia
do que de esperar fora de meus trajos.
Deuses, dai-me a bravura dos Leonatos!
Confundirei o mundo desde esta hora:
por dentro muito mais do que por fora.

(*Sai.*)

Ato V • Cena II

*Campo de batalha entre o acampamento bretão e o
romano.*

*Entram, por um lado, Lúcio, Iachimo e o exército romano;
por outro, o exército bretão, no qual se encontra Leonato
como um soldado comum. Alarma. Entram de novo,
combatendo, Iachimo e Póstumo. Póstumo vence Iachimo e
o desarma; depois o deixa.*

IACHIMO • O peso do meu crime me despoja
do consueto vigor. Consciente, a honra

manchei de uma senhora, a soberana
deste país, razão de ora tirar-me
toda a força o próprio ar que me circunda.
Se não fora isso, como poderia
vencer-me este labrego, rebotalho
da natureza, sendo eu combatente
de nascimento? Títulos pomposos,
honras que desde o berço me acompanham
são insígnias de infâmia, se teus nobres,
Bretanha, ultrapassarem este rústico

quanto dos nossos ele à frente marcha.
Nem homens somos, digo-o com despeito
sendo cada bretão um deus perfeito.

(Sai.)

(*Prosegue a batalha; os bretões fogem; Cimbelino é feito prisioneiro; vêm em seu auxílio Belário, Guidério e Arvirago.*)

BELÁRIO · Parai! Temos vantagem do terreno.
O passo está guardado. O que nos vence
é a vergonha de nossa poltronice.

GUIDÉRIO E ARVIRAGO · Parai e resisti!

(*Volta Póstumo a auxiliar os bretões; salvam Cimbelino e saem. Tornam a entrar Lúcio, Iachimo e Imogênia.*)

LÚCIO · Sai das filas, menino, e põe-te a salvo.

O amigo é morto pelo amigo; cresce
a confusão; a guerra é surda e cega.

IACHIMO · Receberam reforços.

LÚCIO · Este dia
virou estranhamente. Se em auxílio
mais gente não nos vier, força é fugirmos.

(*Saem.*)

Ato V · Cena III

*Outra parte do campo de batalha.
Entram Póstumo e um nobre bretão.*

NOBRE · Vens de onde resistiram com denodo?

PÓSTUMO · Precisamente; e vós, ao que parece,
vindes dos que fugiram.

NOBRE · Isso mesmo.

PÓSTUMO · Não merecis censura, pois perdido
já se encontrava tudo, se não fosse
lutar por nós o céu. O próprio Rei,
privado de suas asas, todo o exército
desmantelado, só se vendo o dorso
dos soldados bretões, em disparada
pelo passo angustioso... Os inimigos,
cheios de brio, fartos da matança,
com tarefa excessiva para os meios
de que dispunham, mortalmente ao solo
jogando alguns, tocando só de leve
noutros mais, sem contarmos os que o medo
fazia vir ao chão... Dessa maneira
ficou trancado o passo com cadáveres
feridos pelas costas, e covardes
que viviam tão-só para morrerem
de prolongado opróbrio.

NOBRE · Onde se encontra
esse desfiladeiro?

PÓSTUMO · Muito perto
do campo de batalha, com um valado
recoberto de relva, de que soube
tirar proveito, posso asseverar-vos,
um antigo soldado. Só por esse
serviço merecera ele da pátria

vida tão longa quanto mostra a barba
de fios argentinos. Colocando-se
de través nesse passo, com dois jovens,
rapazelhos, mais aptos, certamente,
para em compita o prado percorrerem
do que para tais atos sanguinosos:
feições como de máscara, mais belas
do que muitas que cuidam de guardar-se
ou que o pejo enrubesce. Defendendo,
pois, o desfiladeiro, o velho cabo
para os nossos fujões vociferava:
“Só os cervos na Bretanha em fuga morrem,
não nossos homens. Baixem para as trevas
as almas dos que fogem. Voltem todos,
ou seremos romanos, para a morte
vos dar como de corças, já que em fuga
como elas vos achais. Um só remédio
vos poderá salvar: olhar o imigo
de frente, com coragem. Alto! Alto!”
Esses três homens, que três mil valiam
pela coragem como pelos atos —
que por três homens é composto o exército,
quando os demais não fazem coisa alguma —
só com essa palavra: “Alto! Detende-vos!”
adequada ao lugar, de efeito rápido,
mais arrebatadora pela própria
nobreza contagiante e que pudera
mudar em lança a roca, aos rostos pálidos
fez retornar a cor e ao brio avito
criar novos espíritos, de forma
que os que eram pusilânimes apenas
pelo exemplo dos outros — Oh pecado

da guerra, condenado no primeiro fugitivo! — de pronto se voltaram, furiosos como leões que os caçadores com seus chuços acozzam. Os inimigos param de perseguir, detêm-se, voltam-se e metem-se a correr em debandada; fogem como galinhas os que haviam como açores pairado, desandando como escravos a estrada que, pouco antes, vitoriosos haviam palmilhado. Então nossos poltrões, como migalhas emboloradas em penosa viagem, no aperto em salvação se transformaram. Achando a porta aberta para entrarem nos corações sem guarda, oh céus, quão fundos golpes não desfecharam! Alguns ferem cadáveres; alguns, agonizantes; outros, até os amigos que se achavam assoberbados pela primeira onda. De dez homens, há pouco em fuga postos por um somente, cada um consegue matar vinte inimigos. Os que estavam prestes a sucumbir sem resistência, terror viraram da batalha imana.

NOBRE · Felicidade rara: um passo estreito, um velho e dois mancebos!

PÓSTUMO · Não vos mostreis surpreso; fostes feito mais para revelar admiração sobre o que vos contarem, do que mesmo para levar a cabo alguma empresa.

Se quiserdes rimar de brincadeira, poderei dar a glosa procurada:

“Um velho e dois mancebos: a ventura dos bretões, dos romanos sepultura”.

NOBRE · Não vos zangueis, senhor.

PÓSTUMO · Não há perigo;

quem do inimigo foge é meu amigo; pois se incoerente ele não for, certo, há de logo e logo perder minha amizade.

Virei poeta.

NOBRE · Estais zangado. Adeus.

(*Sai.*)

PÓSTUMO ·

Sempre a andar! É isto um nobre? Oh miserável! nobreza! Estar na luta e perguntar-me: que novidades há? Quantos, nesta hora, perderam a honra para que a carcaça

pudessem pôr a salvo! Procurando fugir do risco, a morte encontrar foram.

Eu, por minha desgraça protegido, não pude achar a morte onde mais fundo seus gemidos se ouviam, nem senti-la onde seus feros golpes distribuía.

É de estranhar que sendo um monstro horrendo, se esconda em golpes frescos, brandos leitos e em vocábulos doces, ou que tenha mais do que nós agentes, que seus gládios manejamos na guerra. Hei de encontrá-la. Porque aos bretões favorecendo agora, sem que bretão eu seja, volto a pôr-me no partido em que vim. De agora em diante deixarei de lutar, para entregar-me ao primeiro labrego que, de leve, nos ombros me tocar. A mortandade feita pelos romanos foi terrível; mas os bretões hão de vingar-se à altura. Em qualquer dos partidos, meu empenho é morrer; outro ideal ora não tenho. Morrer por Imogênia, tão-somente, que a vida me anegrou eternamente.

(*Entram dois capitães bretões e soldados.*)

PRIMEIRO CAPITÃO ·

Louvido seja Júpiter, pois Lúcio foi feito prisioneiro. Todos dizem que eram anjos o velho e os dois mancebos.

SEGUNDO CAPITÃO ·

Houve também um quarto, de vestuário grosseiro, que fez frente aos inimigos.

PRIMEIRO CAPITÃO ·

É o que se diz; mas nenhum deles pôde ser encontrado. Quem vem lá? Detende-vos!

PÓSTUMO · Um romano,

que não estaria aqui sem fazer nada, se houvesse tido quem o secundasse.

SEGUNDO CAPITÃO ·

Agarraí-o. Cachorro. Nenhum biltre há de contar em Roma como os corvos no campo os tassalharam. Ele fala de seus feitos no som de quem seja algo, muito importante. Ao Rei levai-o logo.

(*Entram Cimbélino com séquito, Belário, Guidério, Arvirago, Pisânio e prisioneiros romanos. Os capitães apresentam Póstumo a Cimbélino, que o entrega a um carcereiro. Depois saem todos.*)

Ato V · Cena IV

Bretanha. Uma prisão.

Entram Póstumo e dois carcereiros.

PRIMEIRO CARCEREIRO ·

Ninguém vos raptará; temos ferrolhos.
Pastai como puderdes.

SEGUNDO PRISIONEIRO · *Apetite!*

(Saem os carcereiros.)

PÓSTUMO · Bem-vindo, cativo, pois espero que à liberdade haveis de conduzir-me, julgo-me mais feliz do que o gotoso que terá de gemer perpetuamente, sem que curá-lo possa o grande médico que jamais erra: a morte, a detentora das chaves destas grades. Oh consciência, tens mais duras algemas do que quantas os maléolos e os punhos me comprimem. Concedei-me, bons deuses, o instrumento penitente que solta estes ferrolhos! Livre, então, para sempre! É suficiente mostrar-me acabrunhado? É assim que as crianças obtêm as graças de seus pais terrenos. Mas os deuses têm mais misericórdia. Preciso arrepender-me? Não me fora possível ocasião mais adequada do que nestes grilhões por mim buscados. Se não bastar a liberdade, oh deuses, para que eu fique quite, mais severas contas não me tomeis do que tirando-me tudo o que tenho: a vida. Sois mais brandos, sei-o bem, do que os homens impiedosos; que de seus devedores insolúveis um terço, apenas, tiram; menos, ainda: um sexto, parte mínima, deixando-os se refazer, depois, do abatimento. Para mim não quero isso; pela vida preciosa de Imogênia, tira a minha: conquanto valha menos, é uma vida; foi cunhada por ti. Não têm os homens costume de pesar todas as moedas; valem também as leves, pela efigie. Aceitai-me, portanto, que eu sou vosso, forças incomparáveis! Se for válido o raciocínio, a vida, então, tirai-me,

cancelando esta fria obrigação.

Oh Imogênia, em silêncio vou falar-te!

(Dorme.)

(Música solene. Entra o espectro de Sicílio Leonato, pai de Póstumo, um velho em trajes de guerreiro, conduzindo pela mão uma idosa matrona, sua esposa, mãe de Póstumo. Músicos os precedem. Depois de um segundo grupo de músicos, vêm os dos Leonatos, irmãos de Póstumo, com as feridas abertas, de que morreram no campo de batalha.

Os espectros se colocam em torno de Póstumo, que continua a dormir.)

SICÍLIO · Senhor do raio, a cólera desvia

destas moscas mortais;

briga com Marte, zanga-te com Juno
e teus trovões fatais
sobre eles descarrega.

Não fez somente bem meu filho amado
que eu não cheguei a ver?

Ainda se achava no materno ventre,
quando eu vim a morrer.

Como pai dele, então, se o juízo humano
neste ponto não erra,
deveras ter ficado, enquanto vida
tivesse ele na terra.

MÃE · Auxílio algum não me prestou Lucina
no meu maior perigo;

arrancado de mim foi o meu Póstumo
para o mundo inimigo.
Que fado doloroso!

SICÍLIO · Como os antepassados, o fizeram
os deuses em concílio,

deixando-o digno dos maiores prêmios.
Nasceu do grão Sicílio!

PRIMEIRO IRMÃO ·

Depois que ficou homem, não se achava
na Bretanha ninguém
que com ele confronto suportasse;
razão de o ter também
escolhido Imogênia, entre as mulheres
a que a palma detém.

MÃE · Quantas perseguições e zombarias
lhe advieram desse enlace!

Da sede dos Leonatos foi banido —

oh cruel desenlace! —
e da cara Imogênia.

SICÍLIO · Por que deixaste que o mendaz Iachimo,
da Itália vil criatura,
um coração e um nome assim manchasse,
feitos da luz mais pura,
e ludíbrico dos homens te fizesse,
em tanto desventura?

SEGUNDO IRMÃO ·

Nós dois, por isso, e nossos pais baixamos
da sede sublimada;
nós que no rubro campo respondemos
à última chamada
em defesa do trono de Tenâncio,
da pátria muito amada.

PRIMEIRO IRMÃO ·

Do mesmo modo, Póstumo em defesa
lutou de Cimbelino.
Oh Júpiter, deus sumo, por que fazes
tamanho desatino,
dos louros o privando, que lhe havia
prometido o destino?

SICÍLIO · Olha-nos da janela cristalina;
sê agora clemente
com esta raça altiva, e dela afasta
teu raio onipotente.

MÃE · Sendo meu filho bom, Júpiter, livra-o
da dor incontinenti.

SICÍLIO · Do teu mármoreo pouso nos contempla.
Sê justo! Do contrário,
apelaremos para os outros deuses
de teu juízo nefário.

OS DOIS IRMÃOS ·

Vem, Júpiter! Se não, proclamaremos
que és inconstante e vário.

*(Júpiter, em meio de relâmpagos e trovões, desce sentado
em uma águia; atira um raio; os espectros caem de joelhos.)*

JÚPITER · Deixai, sombras mesquinhas e inferiores
de ofender-nos o ouvido. Como o ouso
tendes de dirigir esses clamores
ao grão-tonante, como em desafio?
Pobres sombras do Elísio, retirai-vos
para vossos jardins de eterno viço,
aonde ascendem jamais os mortais laivos;
já não podeis prestar nenhum serviço.
Quem eu amo, atormento, porque seja
por fim mais apreciada a recompensa.

Tranqüilizai-vos, que há de, benfazeja
transformação sanar toda esta ofensa.
Em seu berço brilhou nosso luzeiro;
em nosso templo fez-se o casamento.
Ide, que Póstumo há de prazenteiro
ver transformar-se em dita o seu tormento.
Colocai-lhe esta placa sobre o peito,
porque nela gravei o seu destino.
Ide logo; confiai-me vosso pleito,
pondo remate a tanto desatino.
Sobe, águia, para o pouso cristalino!

(Sobe.)

SICÍLIO · Baixou em meio de trovões; seu hálito
a enxofre recendia; a águia sagrada
parecia querer arrebatar-nos.
Sua ascensão, porém, mais odorosa
foi do que nossos prados abençoados.
A águia real os imortais remígius
sacode satisfeita e o bico afia
como quando seu deus alegre se acha.

TODOS · Júpiter, obrigado!

SICÍLIO · A abóbada de mármore fechou-se.
Já voltou para o sólio luminoso.
Vamos; urge cumprir os seus mandados,
porque fiquemos bem-aventurados.

(Os espectros desaparecem.)

PÓSTUMO *(despertando)* ·

Oh sono! Foste meu antepassado;
deste-me um pai e para mim criaste
dois irmãos e uma mãe. Mas, oh tristeza!
sumiram todos com a maior presteza,
voltando eu a acordar. Os desgraçados
sonham como eu; desperto, nada encontram.
Mas à toa discorro; muita gente
que nada sonha e não merece nada
de súbito se vê de bens cercada,
como se deu comigo neste instante
com um sonho inesperado e tão brilhante.
Fadas neste lugar? Que vejo? Um livro?
Oh jóia rara! Acaso não vais ser-me
como no nosso enganador tablado
vestimenta mais nobre do que o dono?
Que o conteúdo seja também áureo,
não como os nossos cortesãos em tudo.
Cumpre o que me prometes. *(Lê)*
“Quando um cachorro de leão, de si mesmo
desconhecido, encontrado sem ser procurado, for

abraçado por um pouco de ar fagueiro, e quando de um cedro imponente os ramos amputados reviverem depois de estarem mortos muitos anos e, reunidos ao velho tronco, crescerem com frescor, as misérias de Póstumo chegarão ao seu termo, a Bretanha será feliz e florescerá na paz e na abundância.”

Ainda é sonho, se não for, acaso, qualquer tolice, dessas que os lunáticos falam sem compreender. Ambos ou nada: ou palavras sem nexos, ou mais profundo discurso para ser analisado.

Seja o que for, à minha vida igualem-se. Vou conservá-las, quando mais não seja, por simples simpatia.

(Voltam os carcereiros.)

PRIMEIRO CARCEREIRO · Vamos, senhor: estais pronto para morrer?

PÓSTUMO · Mais do que cozido; estou pronto há muito.

PRIMEIRO CARCEREIRO · O assunto é de força, senhor. Se estais pronto para isso, é que vos encontrais cozido de verdade.

PÓSTUMO · Se em mim os espectadores encontrarem um bom petisco, ficará pago o escote.

PRIMEIRO CARCEREIRO · A conta vai nos sair muito cara, senhor. O único consolo, é a certeza de que nunca mais sereis chamado para efetuar outros pagamentos, sem que possais reear essas contas de taberna que tantas vezes perturbam a separação, depois de haverem despertado a alegria. Chegais desfalecido por falta de alimento, partis cambaleante pelo excesso de bebida, triste por haverdes despendido muito dinheiro, triste por terdes pago tudo muito caro, com a bolsa e o cérebro vazios: o cérebro, pesado por ter sido por demais leve; a bolsa, leve em excesso, por ter sido aliviada de seu peso. Oh! Ficareis livre de todas essas contradições. Quanta caridade se contém em uma corda barata! Liquida uma conta de milhões em um abrir e fechar de olhos; é o melhor deve e haver que se conhece; fornece-nos a nota de saldo do passado, do presente e do futuro. No pescoço, senhor, trazeis a pena, o livro e o contador: pronto, foi dada a quitação!

PÓSTUMO · Sinto-me mais feliz por morrer do que vós por viver.

PRIMEIRO CARCEREIRO · É isso mesmo, senhor; quem dorme não sente dor de dentes. Mas uma

pessoa que tivesse de dormir o vosso sono, com um carrasco para ajudá-lo a preparar a cama, penso que ele gostaria de trocar de lugar com esse oficial. Porque, vede bem, senhor, desconheceis o caminho que ides percorrer.

PÓSTUMO · Conheço-o, sim, companheiro.

PRIMEIRO CARCEREIRO · Então vossa morte possui olhos na testa; mas eu nunca a vi pintada desse jeito. Ou tereis de ser dirigido por alguém que presume conhecer o caminho, ou ficará a vosso cargo o que é certeza desconhecerdes, ou vos metereis a fazer perquirições, ao sabor dos riscos inerentes. Quanto à maneira por que terminareis a viagem, penso que não voltareis nunca para contá-la a quem quer que seja.

PÓSTUMO · Uma coisa te posso asseverar, camarada, que só carecerão de olhos para se orientar no caminho que eu vou percorrer os que os fecharem de propósito.

PRIMEIRO CARCEREIRO · Que imensa pilhéria, isso de fazer uso alguém dos olhos, para ver o caminho da cegueira! O de que eu estou certo é que o caminho para fechar os olhos é o enforcamento.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Tirai as algemas ao vosso prisioneiro e levai-o ao Rei.

PÓSTUMO · És portador de boas notícias: chamam-me para a liberdade.

PRIMEIRO CARCEREIRO · Nesse caso, o enforcado serei eu.

PÓSTUMO · Ficarias mais livre do que um carcereiro; para os mortos não há ferrolho.

(Saem todos, com exceção do primeiro carcereiro.)

PRIMEIRO CARCEREIRO · A menos que alguém se dispusesse a desposar a força para gerar forcazinhas, nunca vi prisioneiro com essa disposição. Com toda a consciência, muito embora se trate de um romano, mas há marotos mais consumados que desejam conservar a vida, assim como há muita gente que morre a seu malgrado, como se daria comigo, se eu fosse um desses tais. Desejara que todos os homens tivessem um só modo de pensar e que esse modo fosse bom. Então, sim! Acabariam as forcas e os carcereiros. Estou a falar contra meus interesses do momento, mas nesse meu voto se inclui alguma vantagem.

(Sai.)

Ato V · Cena V

A tenda de Cimbelino.

Entram Cimbelino, Belário, Guidério, Arvirago, nobres, oficiais e gente do séquito.

CIMBELINO ·

Vinde para o meu lado, vós que os deuses enviaram para preservar-me o trono. Confrange-me o peito ver que o pobre soldado que lutou com tal denodo, cujos andrajos tanto envergonharam as armaduras de ouro, cujo peito despido ia na frente dos escudos, não possa ser achado. Venturoso será quem o encontrar, se nossa graça lhe puder dar ventura.

BELÁRIO · Nunca vira tanto heroísmo em tão modesto aspecto, fúria mais nobre em mostras de indignência e de temor soez.

CIMBELINO · Não há nenhuma notícia a seu respeito?

PISÂNIO · Procuramo-lo entre os mortos e os vivos, mas achado não foi em parte alguma.

CIMBELINO · A meu malgrado, pois, herdarei a sua recompensa, que saberei acrescentar à vossa,

(a Belário, Guidério e Arvirago.)

alma, cabeça e coração da pátria, causa de ora se achar viva a Bretanha. O momento é chegado de sabermos a vossa proveniência. Revelai-ma.

BELÁRIO · Senhor, somos fidalgos e nascemos na Câmbría. Se algo mais vos alegássemos, por jactância, contrário fora aos fatos, sobre ser imodesto. Uma só coisa ainda vos direi: somos honestos.

CIMBELINO · Ajoelhai um momento. Agora alçai-vos como meus cavaleiros de batalha. Companheiros me sede; dignidade vos darei condizente ao vosso estado.

(Entram Cornélio e damas de honra.)

Algo anormal essas feições inculcam. Por que nossa vitória vos merece

tão triste saudação? Não tendes mostras de cortesãos bretões, mas de romanos.

CORNÉLIO · Grande monarca, salve! Porque tanta satisfação vos turve, sou forçado a dizer que a Rainha faleceu.

CIMBELINO ·

Quem menos adequado do que um médico para nos transmitir essa mensagem? Mas agora reflito: se conseguiremos prolongar-nos a vida a medicina, por fim a morte apanha ao próprio médico. Como morreu?

CORNÉLIO · Em condições terríveis; como vivera: inteiramente louca.

Tendo sido perversa para o mundo, acabou sendo-o mais para si própria. Poder-vos-ei contar, se assim quiserdes, quanto ela confessou. Estas mulheres vos dirão se eu faltar contra a verdade. Com lágrimas nos olhos, assistiram a seu fim todas elas.

CIMBELINO · Então fala.

CORNÉLIO · Em primeiro lugar, disse que nunca vos dedicara amor, mas tão-somente ao posto que por vós ela alcançara; desposara a realza, era consorte do trono mas vos tinha ódio entranhado.

CIMBELINO · Só ela o saberia. Se não fosse ter falado ao morrer, eu não daria crédito algum nem aos seus próprios lábios. Prossegui.

CORNÉLIO · Disse mais: que vossa filha, que ela fingia amar com tantas veras, verdadeiro escorpião era a seus olhos, e que veneno lhe teria dado, para a vida tirar-lhe, se não fosse ter fugido com tempo.

CIMBELINO · Oh bruxa astuta! Quem dizer sabe o que se passa no íntimo de uma mulher? Há mais alguma coisa?

CORNÉLIO · Falta o pior, senhor, porque ela disse que um veneno mortal vos reservara, capaz de vos matar a pouco e pouco, minuto por minuto, devastando-vos

fibra por fibra. Estava resolvida, nesse entrementes, recorrendo a lágrimas, vigílias, beijos e cuidados vários, a dominar de todo vosso espírito, para que, na ocasião mais oportuna, quando brando de todo já estivésseis, viesse seu filho a herdar-vos a coroa.

Só não pôde levar a cabo o plano por ter sumido o filho de maneira misteriosa, o que a fez ser dominada de uma raiva impudente que a obrigou a contar seus intuitos, a despeito dos deuses e dos homens, confessando que lastimava não haver podido levar avante os crimes planejados. Enraivecida, assim, a morrer veio.

CIMBELINO · Vós todas escutastes essas coisas?

PRIMEIRA DAMA ·

Sim, que Vossa Grandeza não se agaste.

CIMBELINO ·

Não culpo os olhos, pois bonita ela era, nem os ouvidos por ouvir-lhe as lábias, nem mesmo o coração, pode ser tomado nas malhas da aparência. Fora um crime mostrar-me desconfiado. Mas, oh filha! só tu podes dizer que eu fui um tolo! Teu sofrimento o prova. O céu me ampare.

(Entram Lúcio, Iachimo, o adivinho e outros prisioneiros romanos, escoltados; no fundo, Póstumo e Imogênia.)

Hoje, Caio, não vens pedir tributo, que disso já os bretões se libertaram. muito embora o alto preço fosse a vida de heróis esclarecidos. Seus parentes pedem que as almas deles aplaquemos sacrificando nossos prisioneiros, o que lhes concedi. Pensa, portanto, na sorte que te espera.

LÚCIO · Deveríeis, senhor, pensar nas mutações da guerra. Por acaso foi vosso o dia de hoje. Se tivéssemos sido vencedores, é certeza que, após esfriado o sangue, jamais ameaçaríamos de espada passar os prisioneiros. Mas se os deuses determinaram que nosso resgate seja pago com a vida, conformemo-nos. Com coração romano muito pode

suportar um romano. Augusto vive para pensar no caso. É quanto basta sobre nossa pessoa. Uma só coisa desejara pedir-vos: que este pajem, bretão de nascimento, conseguisse ser resgatado. Nenhum amo nunca teve pajem tão bom, tão diligente, cumpridor dos deveres, prestimoso sem discrepância alguma, verdadeiro, tal como ama nos mínimos cuidados. Secundará seu mérito o pedido que ora vos faço, o que de Vossa Graça não me será negado, estou bem certo. Muito embora a serviço de um romano, aos bretões não causou nenhum prejuízo. Salvai-lhe a vida, oh Rei, e muito sangue fazei correr depois.

CIMBELINO · Já o tinha visto; sua fisionomia não me é estranha. Pajem, teus olhos me feriram a alma; ficas a meu serviço. É incompreensível, mas não sei explicar a causa oculta que me leva a dizer-te: Vive, pajem! Ao teu senhor não deves coisa alguma. Pede de Cimbélino o que quiseres, conforme a minha liberalidade e tua condição: obterás tudo, sim, ainda mesmo que a pedir viesses a vida do mais nobre prisioneiro.

IMOGÊNIA · Fica reconhecido a Vossa Graça.

LÚCIO · Não quero sugerir que por mim peças, caro menino, visto como tenho certeza que o farás.

IMOGÊNIA · De forma alguma; tenho em mente outra coisa. Algo mais negro do que a morte me fere agora a vista. Vossa vida, bom amo, há de livrar-se do apuro por si própria.

LÚCIO · Abandonou-me de todo o pajem; zomba e ri de mim. Tem ventura fugaz, sempre periga, quem se fia em rapaz ou em rapariga. Por que razão se mostra tão perplexo?

CIMBELINO · Que desejas, menino? Amor crescente me despertas. Reflete com cuidado no que me vais pedir. Conheces o homem a que olhas assim tanto? Vamos, fala.

Queres que viva? É teu parente? Amigo?
IMOGÊNIA · É romano, não mais aparentado
 comigo do que eu com Vossa Alteza.
 Aliás, porque nasci vosso vassalo,
 mais de perto vos toco.

CIMBELINO · Por que causa
 o fixas desse modo?

IMOGÊNIA · Em reservado,
 senhor, vos contarei, se me quiserdes
 conceder atenção.

CIMBELINO · Com todo o gosto;
 sou todo ouvidos. Dize-me teu nome.

IMOGÊNIA · Fidélio, meu senhor.

CIMBELINO · És, bom menino,
 meu pajem; eu, teu amo. Retiremo-nos;
 fala-me com franqueza.

(*Cimbelino e Imogênia conversam à parte.*)

BELÁRIO · Será crível?
 Ressuscitou o pajem?

ARVIRAGO · Este é o pajem
 como dois grãos de areia se parecem.
 Nosso Fidélio, aquela criança rósea,
 que vimos falecer. Que pensais disso?

GUIDÉRIO · É o mesmo, agora vivo.

BELÁRIO · Quietos! Quietos!
 Não nos vê. Observemo-lo. Há pessoas
 que se parecem muito. Se fosse ele,
 nos viria falar, tenho certeza.

GUIDÉRIO · Mas vimos-lo sem vida...

BELÁRIO · Quietos! Quietos!

PISÂNIO (*à parte*) ·
 É minha ama. Uma vez que está com vida,
 que o tempo corra para qualquer lado.

(*Cimbelino e Imogênia avançam.*)

CIMBELINO ·
 Fica ao meu lado e dize alto o que queres.
 (*A Iachimo.*) Para a frente, senhor e, sem rebuços,
 ao pajem respondi; caso contrário,
 por nossa majestade e sua graça
 de que nos orgulhamos, a tortura
 mais atroz há de achar meio adequado
 para apartar do falso o verdadeiro.
 Podes falar-lhe, pajem.

IMOGÊNIA · Só desejo
 que aquele nobre diga de que modo
 conseguiu o anel que traz no dedo.

PÓSTUMO (*à parte*) ·
 Que tem a ver com isso?

CIMBELINO · Esse diamante,
 senhor, como chegastes a alcançá-lo?

IACHIMO · Deverias mandar-me pôr a pratos
 para não revelar o que, contado,
 virá a ser para ti grande tortura.

CIMBELINO · Como assim! Para mim?

IACHIMO · Feliz me sinto
 por ser forçado agora a revelar-vos
 algo cujo segredo me pungia.

Por vilania obtive este diamante;
 pertenceu a Leonato, que baniste
 do reino. Homem nenhum — isto vai ser-te
 motivo, mais que a mim, de sofrimento —
 de mais nobreza já existiu na terra.

Desejas ouvir mais alguma coisa?

CIMBELINO · Tudo quanto disser respeito ao caso.

IACHIMO · Tua filha, aquele anjo incomparável
 por quem meu coração goteja sangue,
 negando-se-me o espírito a invocá-la...
 Perdão, sinto que a vista se me foga.

CIMBELINO · Minha filha? Que sabes dela? Vamos!
 Recupera a energia. Ora prefiro
 que vivas quanto o queira a natureza,
 a morreres sem teres dito nada.
 Vamos, coragem! Fala!

IACHIMO · De uma feita —
 desgraçado o relógio que nessa hora
 fez soar as pancadas! — Foi em Roma —
 maldita a casa! — Havia festa —
 contivessem veneno os alimentos,
 ou o que eu comi, ao menos! — O bom Póstumo —
 como direi? Bondoso era em excesso,
 para se achar no meio de velhacos;
 entre poucas criaturas excelentes
 tinha ele a primazia — estava triste,
 a ouvir o que dizíamos de nossas
 namoradas da Itália, cujo encanto,
 pelo que referíamos, deixava
 sem sentido o elogio mais pomposo
 dos oradores de mais largo fôlego:
 tão lindas eram que tornavam feias
 as estátuas de Vênus e Minerva,
 deusas que acima estão da natureza;
 em qualidades da alma, reuniam
 tudo o que os homens louvam nas mulheres,
 sem se falar no feminino engodo,
 na graça própria que nos fere a vista.

CIMBELINO · Sinto-me sobre brasas. Sem demora chegaremos ao que importa.

IACHIMO · Muito breve lá chegaremos, salvo se a impaciência vos prolongar demais a expectativa do sofrimento. Póstumo — tal como de esperar fora de um amante nobre que contava com o amor de uma princesa — tomou a deixa e, sem lançar descrédito nas pessoas que tanto celebrávamos — como a própria virtude era ele calmo — a descrever principiou a amada que, à medida que a fala ia compondo e lhe infundia espírito, a nós todos reduzia ao papel de exalçadores de cozinheiras, quando seu discurso como tolos sem fala não deixava.

CIMBELINO · Vamos logo ao que importa.

IACHIMO · A castidade de vossa filha... Aqui começa o caso... Ele falava como se Diana tivesse ardentes sonhos e ela, apenas, fosse calma de todo, o que eu, coitado, pus em dúvida, tendo feito a aposta de moedas de ouro contra este brilhante, que *então no dedo honrado ele trazia*, em como eu subiria ao leito dela, para o anel lhe ganhar pelo adultério. Como fidalgo digno, que confiança tinha na honra da esposa, honra que eu próprio positivei depois, não teve dúvida em arriscar o anel, o que faria ainda mesmo que fosse ele um carbúnculo de uma roda de Febo. Sem perigo poderia fazê-lo, embora a pedra valesse o carro todo. Com esse intento, parti para a Bretanha. Certamente vos recordais de mim, senhor, na corte, onde aprendi com vossa casta filha quanto dista de um pulha um namorado. Asfixiada a esperança, mas ardendo mais e mais o desejo, pôs-se logo a trabalhar o cérebro italiano na pesada atmosfera da Bretanha, e um plano excogitou vil sobre todos, mas excelente para os meus intuitos. Em resumo, tão grande resultado

minha traça alcançou, que faz a viagem de retorno com provas suficientes para louco deixar o alto Leonato com lhe abalar a crença na virtude da esposa imaculada, ante as supostas provas de seu deslize: descrevi-lhe o quarto de dormir, tais e tais quadros, mostrei-lhe o bracelete — Oh! por que meios infames o alcancei! — chegando mesmo a citar uns sinais do corpo dela, de forma que Leonato não podia deixar de acreditar que ela tivesse quebrado a castidade e eu ganho a aposta. Nessa altura... Mas creio que o estou vendo!

PÓSTUMO (*avançando*) ·

Sou eu mesmo, demônio italiano! Que grande tolo eu fui ao te dar crédito! Sou um perfeito assassino, um bandoleiro, sou tudo quanto os biltres sempre foram, são agora e hão de ser. Dai-me uma corda, veneno, faca, um julgador direito. Manda buscar, oh Rei, torturadores de fecunda inventiva, que eu sou o monstro que dá lustre às torpezas mais incríveis, por ser pior do que todas. Sim, sou Póstumo, *o assassino de tua cara filha*.

Não; por ser biltre, minto: a um menor biltre do que assim fui, a um violador sacrílego dei semelhante encargo. Ela era o templo da virtude, a virtude objetivada.

Escarrai sobre mim, jogai-me lama, jogai-me pedras, açulai cachorros contra minha pessoa, dêem o nome de Póstumo Leonato aos criminosos, e seja a vilania menos que antes.

Oh Imogênia saudosa, minha vida, minha Rainha, minha esposa amada! Imogênia! Imogênia!

IMOGENIA ·

Acalmai-vos, milorde; ouvi com calma.

PÓSTUMO · Pensas que estamos no teatro, pajem zombador? Então toma tua deixa.

(*Bate em Imogênia, que cai ao chão.*)

PISÂNIO · Oh cavalheiro, socorrei minha ama, vossa senhora! Oh meu senhor Leonato, só agora matastes Imogênia. Socorrei minha honrada soberana!

CIMBELINO · Está virando o mundo?
 PÓSTUMO · Por que sinto
 sumir-me a vista?
 PISÂNIO · Despertai, minha ama!
 CIMBELINO · Se for verdade, os deuses ora intentam
 matar-me por excesso de alegria.
 PISÂNIO · Como passa, minha ama?
 IMOGÊNIA · Para longe
 de minha vista! Deste-me veneno.
 Fora, homem perigoso! Não respire
 onde só se acham nobres.
 CIMBELINO · É a voz dela.
 PISÂNIO · Senhora,
 pedras de enxofre os deuses em mim joguem,
 se eu não pensei que a caixa contivesse
 algo precioso; dera-ma a Rainha.
 CIMBELINO · Mais novidades?
 IMOGÊNIA · Pois envenenou-me.
 CORNÉLIO · Oh deuses!
 Omiti um dos fatos confessados
 pela Rainha, há pouco, que nos provam
 quanto és, realmente, honesto: “Se Pisânio
 deu a sua ama”, disse, “certa droga
 que eu lhe entreguei dizendo ser um tônico,
 ficou servida como eu desejara
 servir um simples rato”.
 CIMBELINO · Que há, Cornélio?
 CORNÉLIO · A Rainha, senhor, sobejas vezes
 me importunou, pedindo-me venenos
 fabricados por mim, sob o pretexto
 de que a movia apenas o interesse
 de estudar-lhes o efeito em seres baixos
 a que valor não damos: cães e gatos.
 Mas temendo que a mais ela visasse,
 preparei-lhe uma droga que, ingerida,
 suspende a vida por alguns momentos,
 para fazer que, após, a natureza
 suas funções reassuma normalmente.
 Bebestes essa droga?
 IMOGÊNIA · Com certeza,
 pois a vida perdi.
 BELÁRIO · Eis o motivo
 de nosso engano, filhos.
 GUIDÉRIO · É Fidélio,
 não há que ver.
 IMOGÊNIA · Qual a razão de haverdes
 alijado de vós a própria esposa?

Imaginais que estais sobre uma penha:
 jogai-me novamente ao precipício.

(*Abraça Póstumo.*)

PÓSTUMO · Fica aí, cara amiga, como fruto,
 até que o tronco morra.

CIMBELINO · Então, meu sangue,
 minha filha, o papel me reservaste
 de pascácio da peça? Não me falas?

IMOGÊNIA (*ajoelhando-se*) · Vossa bênção,
 [senhor.

BELÁRIO · Não vos censuro
 por haverdes amado a este mancebo;
 tínheis razão para isso.

CIMBELINO · Que estas lágrimas
 água benta vos sejam. Imogênia,
 tua mãe já não vive.

IMOGÊNIA · Essa notícia,
 senhor, me deixa triste.

CIMBELINO · Grande culpa
 teve ela de que nós nos encontrássemos.
 Mas seu filho sumiu, sem que possamos
 dizer onde se encontra.

PISÂNIO · Ora que livre,
 milorde, estou do medo, vou falar-vos
 sem subterfúgios. Quando lorde Cloten
 soube que vossa filha se ausentara,
 procurou-me de espada nua, os lábios
 a espumar, e jurou que me daria
 morte imediata, se eu não lhe dissesse
 para onde ela tinha ido. Por acaso
 tinha eu no bolso uma missiva falsa
 de meu amo, que o fez ir procurá-la
 para o lado da costa montanhosa
 de Milford. Para lá partiu furioso,
 tendo envergado roupa de meu mano
 que me arrancara à força, com propósitos
 inconfessáveis, a jurar que havia
 de violar a pureza de minha ama.

O que lhe sucedeu depois, ignoro.

GUIDÉRIO · Deixai-me terminar a narrativa:
 foi morto ali por mim.

CIMBELINO · Livrem-te os deuses
 de eu ter de pronunciar sentença crua
 após tão nobres feitos de tua parte.
 Bravo rapaz, desdize-te depressa.

GUIDÉRIO · Só contei o que fiz.

CIMBELINO · Mas era um príncipe.

GUIDÉRIO · Só sei que era incivil a conta inteira.

Não mostrou ser um príncipe no modo de me atirar ultrajes, tendo dito tão grosseiros insultos, que eu me vira forçado a desafiar o próprio oceano, se contra mim rugisse desse modo.

Decepei-lhe a cabeça e alegre me acho por ele não se achar aqui presente para contar de mim a mesma história.

CIMBELINO ·

Muita pena me causas, mas teu próprio discurso te condena. É inevitável: morte as leis te cominam, morto te achas.

IMOGÊNIA · Pensei que aquele tronco sem cabeça fosse do meu senhor.

CIMBELINO · Ponde-lhe algemas; levai logo daqui o criminoso.

BELÁRIO · Senhor Rei, um momento! Este mancebo é de mais nobre origem do que o morto.

Sua ascendência à tua se equipara.

Mereceu mais de ti do que mil Clotens com quantas cicatrizes ostentassem.

(*Ao guarda.*) Deixai-lhe os braços livres, que não foram feitos para esses ferros.

CIMBELINO · Como queres, velho soldado, malgastar o prêmio que de nós mereceste, provocando-nos a cólera a tal ponto? É igual à nossa sua ascendência?

ARVIRAGO · Houve exagero nisso.

CIMBELINO · Que pagarás com a morte.

BELÁRIO · Morreremos os três. Mas vou provar-te que é verdade

de dois o que falei: que são de origem tão boa quanto a tua. Agora, filhos,

vou dizer algo muito perigoso para minha pessoa, mas de grande vantagem para nós.

ARVIRAGO · Igual perigo corremos todos três.

GUIDÉRIO · E iguais vantagens.

BELÁRIO · Que seja, então. Tiveste em tempos idos, grande monarca, um súdito: Belário.

CIMBELINO · A que vem isso, agora? Foi banido por mim, por ser traidor.

BELÁRIO · Ele a velhice, como vês, atingiu. Sim, foi banido,

mas não sei por que é que foi traidor.

CIMBELINO · Levai-o preso; fora o mundo inteiro pouco para salvá-lo.

BELÁRIO · Menos pressa! primeiramente, paga-me a despesa que eu tive com a criação de teus dois filhos. Logo após, poderás confiscar tudo.

CIMBELINO · A criação de meus filhos?

BELÁRIO · Sou grosseiro e atrevido. Eis-me de joelhos: não me levantarei sem que meus filhos haja deixado nobres. Depois disso, ao velho pai não poupes. Poderoso senhor, estes dois jovens cavalheiros que estão convictos de que eu sou pai deles e esse nome me dão, não são meus filhos: de vossos rins, senhor, eles nasceram, de vosso sangue vêm.

CIMBELINO · Como! Meus filhos?

BELÁRIO · Tão certo como serdes vós pai deles.

O velho Morgan que vos fala é aquele

Belário que exilastes. Vosso alvitre foi toda a minha ofensa o meu castigo,

toda a minha traição; meu sofrimento, os crimes que me imputam. Estes príncipes

gentis — pois é o que são — nestes vinte anos foram por mim criados; quanto sabem

é o que lhes ensinei. Vossa Grandeza conhece até que ponto eu era instruído.

Casei-me com Eurífile, a ama deles, por os haver raptado, o que ela fez

depois do meu exílio. Concitei-a

à prática desse ato, unicamente porque fora punido pelo crime

que cometi depois; a pena imposta de minha lealdade foi a causa

de eu ter sido traidor. Correspondia a vosso sofrimento pela perda

destes entes queridos o desejo

de dar corpo ao meu plano. Mas, gracioso senhor, eis novamente vossos filhos.

Ao vo-los entregar, perco os melhores

companheiros do mundo. Como orvalho caia a bênção sobre eles do céu alto,

pois são merecedores de dois astros acrescentarem na celeste abóbada.

CIMBELINO · (*Falas a um tempo e choras.*) O serviço que vós três me prestastes é milagre

mais raro do que quanto me contaste.
Perdi os filhos; mas se forem estes,
mais dignos desejar não me é possível.

BELÁRIO · Escutai-me ainda um pouco. Este fidalgo
que eu costume chamar de Polidoro,
oh muito digno príncipe, é Guidério;
este outro gentil-homem é Arvirago,
meu Cadval, vosso príncipe caçula.
Envolvido num manto ele se achava
bordado com muita arte pela própria
Rainha-mãe, que, para melhor prova,
vos poderei mostrar.

CIMBELINO · Guidério tinha
no pescoço um sinal, sangüínea estrela,
marca muito curiosa.

BELÁRIO · Ei-lo, senhor, que ainda mostrar pode
no corpo esse sinal da natureza.
Foi esta providente em sua dádiva
que ora vos faz aqui reconhecê-lo.

CIMBELINO · Desta arte me tornei mãe de três filhos?
Mãe nenhuma jamais se alegrou tanto,
após a decedura. Oh! Abençoados
sejais, por terdes sido por maneira
tão estranha arrancados de vossa órbita,
para voltardes a reinar agora.

Oh Imogênia! Com isto um reino perdes.

IMOGÊNIA · Ao contrário, meu pai: ganhei dois mundos.
Oh meus gentis irmãos! Desta maneira
vimos nos encontrar? Não digais nunca
que eu não falo a verdade: vós me destes
de irmão o nome, e vossa irmã eu era;
eu vos chamei o que éreis mesmo: irmãos.

CIMBELINO · Já vos havíeis visto?

ARVIRAGO · Sim, milorde.

GUIDÉRIO · E nos amamos à primeira vista,
sem quebra de afeição, até julgarmos
que ela havia morrido.

CORNÉLIO · Ao ter tomado
a droga da Rainha.

CIMBELINO · Oh raro instinto!
Quando saberei tudo? Este resumo
violento contém galhos que se expandem
em particularidades incontáveis.

Onde, como viveste? Como a soldo
ficaste do romano prisioneiro?

Como te separaste de teus manos?

De que modo os achaste? Por que causa

deixaste a corte? Onde encontraste abrigo?
Tudo isso e muito mais vos perguntara,
e o tríplice motivo que à batalha
vos compeliu, com todos os problemas
correlatos, se a isso não obstassem
as circunstâncias de lugar e tempo.
Vede como ancorado se acha Póstumo
em Imogênia; qual benigno raio
esta lhe lança o olhar, em mim, nos manos,
em seu amo, emprestando a cada objeto
alegria que em todos se reflete.

Convém deixar o campo e encher o templo
com a fumaça de nossos sacrifícios.

(*A Belário.*) Meu irmão hás de ser daqui por diante.

IMOGÊNIA · Filha também sou vossa, pois salvastes-me,
para que eu ver pudesse esta hora grata.

CIMBELINO · A alegria é geral, menos para estes
que em ferros se acham. Pois que fiquem livres,
porque de vossa dita participem.

IMOGÊNIA · Meu bom amo, um serviço vou prestar-
vos.

LÚCIO · Possas ser venturosa!

CIMBELINO · Oh! Se o soldado
destemido que tão valentemente
lutou do nosso lado, aqui pudesse
também estar agora, para a graça
receber de um monarca!

PÓSTUMO · Eu sou, milorde,
o que lutei ao lado destes bravos,
com vestes andrajosas, mas de acordo
com o fim que me propunha. E que eu sou ele...
Fala, Iachimo; ao solo vos jogara:
fácil me fora, então, vos deixar morto.

IACHIMO (*ajoelbando-se*) ·

Por terra estou de novo, mas é o peso
da consciência que a curvar-me obriga,
não vosso braço. Peço-vos que a vida
me tireis, que vos devo tantas vezes,
mas primeiro este anel e o bracelete
da mais pura princesa que afirmado
seus sentimentos haja em qualquer tempo.

PÓSTUMO · Não ajoelheis diante de mim;
a força que sobre vós possuo, vou usá-la
para vos dar a vida. Será minha
vingança vos salvar. Vivei e sede
melhor para os demais.

CIMBELINO · Nobre sentença!

O genro nos ensina a ser magnânimo.
Há perdão para todos.

ARVIRAGO · Ajudastes-nos,
senhor, como se fôsseis, em verdade,
nosso irmão. A certeza que ora temos
de o serdes, nos alegra.

PÓSTUMO · Vosso servo,
príncipes. Vós, meu bom senhor romano,
chamai nosso adivinho. Pareceu-me,
quando a dormir estava, que baixara
do céu sentado na águia, o grande Júpiter,
cercado por espectros dos meus mortos.
Ao despertar, no peito deparou-se-me
esta pequena placa, cujo escrito
de tal dificuldade é para o espírito,
que não posso explicá-la. Ele que a prova
nos dê de sua habilidade nisso.

LÚCIO · Filarmônio!

ADIVINHO · Presente, meu bom lorde!

LÚCIO · Interpreta o sentido deste escrito.

ADIVINHO · “Quando um cachorro de leão de
si mesmo desconhecido, encontrado sem ser
procurado, for abraçado por um pouco de ar
fagueiro, e quando de um cedro imponente os ramos
amputados reviverem depois de estarem mortos
muitos anos e, reunidos ao velho tronco, crescerem
com frescor, as misérias de Póstumo chegarão ao seu
termo, a Bretanha será feliz e florescerá na paz e na
abundância.”

O cachorro de leão és tu, Leonato.
como o indica teu nome interpretado,
pois “Leo-nato” diz isso, justamente.
O pouco de ar fagueiro, Cimbelino,
quer dizer tua filha, ao que chamamos
“mollis aer”. Ora, ao justo, “mollis aer”
é, para nós, “mulier”; “mulier”, explico,
(a Póstumo.) é vossa fiel esposa que nesta hora,
correspondendo ao que nos diz o oráculo,
espontânea e de vós desconhecida,
com ar fagueiro vos enlaça e prende.

CIMBELINO ·

Há sentido em tudo isso.

ADIVINHO · O cedro augusto,
real Cimbelino, és tu, sendo os dois galhos
amputados teus filhos, que, raptados
por Belário, durante muitos anos
foram tidos por mortos, mas agora
revivem junto do imponente cedro,
cuja prole à Bretanha é promissora
de abundância e de paz.

CIMBELINO · Bem. Começemos
nossa paz desde agora. Caio Lúcio,
conquanto vencedores, submetemo-nos
a César e à alta Roma, prometendo
pagar o anual tributo, de que fomos
dissuadidos por nossa ruim esposa.
Baixou sobre ela e o filho a mão pesada
dos deuses justiceiros.

ADIVINHO · Que a harmonia
desta paz seja sempre regulada
pelos dedos das forças sempiternas.
Desse modo a visão se concretiza
que a Lúcio eu fiz saber antes do embate
inicial da batalha que acalmada
só de pouco se encontra: a águia romana
do sul para oeste o vôo levantara;
diminuíra aos poucos e nos raios
do sol desaparecera, o que era indício
de que nossa águia real, o grande César,
haveria de unir de novo a graça
com Cimbelino, que, radioso, brilha
nestas regiões do oeste.

CIMBELINO · Agradecemos
aos deuses. Dos altares abençoados
até eles suba em caracóis o fumo.
Anunciemos a paz aos nossos súditos.
A caminho! Que a flâmula romana
e a bretã em concórdia ora tremulem.
Por Lud atravessemos e firmemos
a paz no templo do potente Júpiter,
com festejos solenes. A caminho!
Nunca foram tais festas celebradas
estando as mãos de sangue ainda manchadas.

(Saem.)